

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

JOSÉ MATHEUS CAVALCANTI RODRIGUES

**XENOFOBIA CONTRA O CORPO-TERRITÓRIO DE NORDESTINOS EM UMA
REDE SOCIAL**

CAJAZEIRAS – PB

JOSÉ MATHEUS CAVALCANTI RODRIGUES

**XENOFOBIA CONTRA O CORPO-TERRITÓRIO DE NORDESTINOS
EM UMAREDE SOCIAL**

Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia. Orientador: Professor Santiago Andrade Vasconcelos.

CAJAZEIRAS – PB

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

R696x Rodrigues, José Matheus Cavalcanti.
Xenofobia contra o corpo-território de nordestinos em uma rede social /
José Matheus Cavalcanti Rodrigues. – Cajazeiras, 2023.
57f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2023.

1. Esteriótipos. 2. Twitter. 3. Xenofobia. 4. Violência Xenofóbica. 5.
Corpo-território. 6. Migração nordestina. 7. Nordestinos-discursos
xenofóbicos. I. Vasconcelos, Santiago Andrade. II. Título.

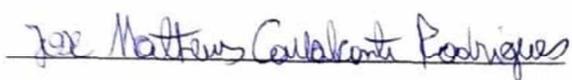
UFCG/CFP/BS

CDU – 316.647.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

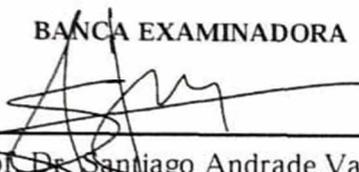
XENOFOBIA CONTRA O CORPO-TERRITÓRIO DE NORDESTINOS
EM UMA REDE SOCIAL

DATA DE DEFESA: 07/11/2023

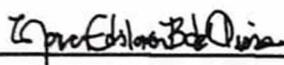


José Matheus Cavalcanti Rodrigues

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos



Membro da Banca: Prof. Dra. Mara Edilara Batista de Oliveira



Membro da Banca: Prof. Me. Matheus Gouveia

CAJAZEIRAS-PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me capacitado e ajudado a enfrentar os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus familiares que me apoiaram e incentivaram a continuar na caminhada. Suas palavras de incentivo foram muito importantes durante esse processo.

Aos professores pelas correções e ensinamentos, sem o qual não seria possível obter o conhecimento necessário para chegar até aqui. Em especial ao meu orientador Professor Santiago Andrade Vasconcelos.

Aos membros da banca, professora Mara de Oliveira e o professor Matheus Gouveia, pelas contribuições para aperfeiçoamento deste trabalho.

À UFCG, por oferecer profissionais éticos e qualificados, viabilizando meu percurso durante a graduação.

Por fim, aos meus colegas de turma, Ricardo Silva, Renildo Guedes, Fábio Bento, Everton Queiroz e Alisson Firmino que foram uma grande base de apoio e confiança.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar (Nelson Mandela).

RESUMO

O Twitter é uma das redes sociais mais usadas atualmente, entretanto tem sido uma rede utilizada de forma ilimitada para propagar o preconceito e a violência. Tendo em vista a ‘liberdade de expressão’ garantida a todos, muitos se acham no direito de ofender ou denegrir alguém por conta de alguma diferença, seja ela física, social ou cultural, porém muitos não sabem o limite que essa liberdade deve ter, e até onde é liberdade. Essa análise será feita através dos atos de xenofobia contra o corpo território Nordestino, que é criticada e desvalorizada pela sua identidade de forma geral. Por isso, o presente trabalho teve como objetivo principal refletir sobre a violência xenofóbica contra o corpo-território de nordestinos. Quanto ao objetivos específicos, inicia-se tratando sobre as noções de xenofobia e corpo-território; em seguida, abordar-se a construção da identidade Nordestina; e, por fim, se discute os discursos de sujeitos sobre xenofobia em uma rede social. Para tanto, esta pesquisa utilizará da etnografia digital, de natureza qualitativa. Para análise dos dados, será usada a técnica de análise de conteúdo. Ao final, observa-se que as relações de poder desenvolvidas entre os internautas faz com que o território ultrapasse os limites físicos e alcance os corpos dos sujeitos, realçando uma sociabilidade fundada na violência que hierarquiza a vida de nordestinos como “inferior”.

Palavras-Chaves: Twitter, Xenofobia, Corpo-território, Nordeste.

ABSTRACT

Twitter is one of the most used social networks today, however it has been a network used unlimitedly to propagate prejudice and violence. Given the 'freedom of expression' guaranteed to everyone, many feel they have the right to offend or denigrate someone because of some difference, be it physical, social or cultural, but many do not know the limits that this freedom should have, and even where is freedom. This analysis will be done through acts of xenophobia against the Northeastern territory, which is criticized and devalued for its identity in general. Therefore, the main objective of this work was to reflect on xenophobic violence against the body-territory of northeasterners. As for specific objectives, it begins by dealing with the notions of xenophobia and body-territory; then, address the construction of the Northeastern identity; and, finally, the speeches of subjects about xenophobia on a social network are discussed. To this end, this research will use digital ethnography, of a qualitative nature. To analyze the data, the content analysis technique will be used. In the end, it is observed that the power relations developed among internet users make the territory go beyond physical limits and reach the bodies of the subjects, highlighting a sociability based on violence that hierarchizes the lives of northeasterners as “inferior”.

Keywords: Twitter, Xenophobia, Body-territory, North East.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Festa junina.....	24
Imagem 2 – Cordel.....	25
Imagem 3 – Cangaço.....	26
Imagem 4 – Distribuição da população segundo a linha de pobreza.....	28
Imagem 5 – Limites a liberdade de expressão.....	33
Imagem 6 – Comentários em uma rede social.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NAS TEIAS DA XENOFOBIA E DA PRODUÇÃO DO CORPO COMO TERRITÓRIO	13
2.1 XENOFOBIA	13
2.2 CORPO-TERRITÓRIO	15
3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO NORDESTE: ESTEREÓTIPOS E REALIDADES	21
3.1 HERANÇA COLONIAL, CULTURAL E IDENTIDADE NORDESTINA.....	22
3.2 MOTIVOS E DESAFIOS DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS.....	27
4 XENOFOBIA CONTRA O CORPO-TERRITÓRIO DE NORDESTINOS NO TWITTER	31
4.1 LIBERDADE DE EXPRESSÃO E O TWITTER	32
4.2 DISCURSOS XENOFÓBICOS CONTRA NORDESTINOS NO TWITTER.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O preconceito e a discriminação contra os Nordestinos não é algo novo, desde muito tempo essa região tem sofrido atos de preconceitos por diversos fatores, por causa do sotaque, da seca que atinge parte dessa região durante certo período, a cultura, entre outros estigmas. Com a propagação e massificação do uso das redes sociais virtuais via internet, a rede Twitter¹ tem sido de disseminação de atos preconceituosos.

Por isso, para a realização da presente pesquisa serão apresentados alguns conceitos importantes para que seja explanado da melhor forma o tema proposto, como o conceito de corpo-território e xenofobia. É importante entender também sobre o Nordeste, suas principais características e os principais fatores que fazem com que a população sofra com a discriminação. Só a partir daí será possível compreender como acontece esses atos no Twitter e qual melhor forma de combate à xenofobia ou qualquer tipo de preconceito.

Diante desse contexto, fica evidente que é preciso buscar formas para combater a xenofobia contra o corpo-território nordestino ou qualquer outro tipo de preconceito no Brasil, onde todos os indivíduos consigam conviver em harmonia, respeitando culturas, crenças e costumes diferentes, justamente, para promover a igualdade e a justiça social no país, é necessário também que as pessoas entendam os limites da liberdade.

O interesse pela temática veio por sempre ver, tanto em filmes, quanto em novelas, redes sociais, em conversas cotidianas algum tipo de comentário xenofóbico contra nordestinos, e também pelo que foi visto em 2022 na última eleição para presidente, de acordo com alguns dados da Safernet² foi registrado 10.686 queixas relacionadas a discursos de ódio no ano passado, com uma alta de 874% em comparação com 2021. Diante disso, entender sobre a xenofobia contra nordestinos é de suma importância e fundamental para combater preconceitos, criar empatia pelo outro, influenciar políticas e ações sociais, e valorizar a diversidade cultural, com isso, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Para tanto, decidimos como objetivo geral desta pesquisa: Analisar a xenofobia contra o corpo-território Nordeste na rede social Twitter. Para atingir o objetivo geral traçamos os

¹ Em abril de 2022 o twitter foi vendido a Elon Musk, que diante de algumas mudanças impostas pelo bilionário, uma das mais importantes foi a troca de nome da rede social que deixou de se chamar "Twitter" passando a se chamar "X", embora essa rede social tenha mudado de nome, em virtude do mapeamento e coleta dos comentários terem sido quando a rede social ainda se chamava Twitter, será mantido nesse trabalho o antigo nome da plataforma.

² A SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político partidária, religiosa ou racial. Fundada em 20 de dezembro de 2005, com foco na promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet no Brasil. Para mais informações, acesse: <https://new.safernet.org.br>

seguintes objetivos específicos: Compreender como se dá o processo de discriminação contra os Nordestinos e seus principais motivos; Refletir sobre a identidade do corpo-território nordestino como estereótipo negativo; Mapear a xenofobia contra nordestinos na rede social Twitter; categorizar os comentários extraídos nessa rede social e analisar as categorias criadas.

Os discursos de ódio de natureza xenofóbica difundidos em postagens na rede mundial de computadores sinalizam para as relações humanas, nas quais diversos sujeitos compartilham suas subjetividades e práticas de constituição do outro e as buscam legitimar. Em razão disso optamos pelo método de pesquisa etnográfico, por viabilizar reflexões sobre diferentes relações sociais de poder entre grupos diversos localizados em contextos múltiplos. Assim, poderemos visualizar, como é próprio da etnografia, a perspectiva de cada sujeito que enuncia um discurso, como eles se relacionam com o meio ao seu redor e sua maneira de enxergar o mundo (Barbosa, 2020).

O estudo científico feito na internet é uma decorrência do valor que esse espaço ocupa na vida dos sujeitos hoje. Logo, a etnografia digital permite a problematização não apenas das relações sociais e expressões culturais no ciberespaço, mas também os próprios usos e costumes que as pessoas fazem da *internet* (Barbosa, 2020). Assim: “A etnografia [digital] mantém um interesse especial no estudo de ‘o que as pessoas fazem’ com a tecnologia, uma vez que interpretamos o ciberespaço como um lugar de atuação. Podemos começar a estudar exatamente o que é feito, porque e em que termos” (Hine, 2004, p. 33 apud Barbosa, 2020, p. 16).

Para alcançar melhor entendimento dessa pesquisa, foi feita uma relação de comentários categorizados de uma postagem no Twitter, embora as postagens feitas no Twitter sejam públicas, decidimos manter as identidades dos sujeitos em anonimato. Em lugar do nome dos internautas, foi atribuído uma sequência numérica de modo a substituí-los.

Considerando o método etnográfico digital, esta pesquisa tem natureza qualitativa:

Este método é privilegiado em pesquisas qualitativas, pois permite uma imersão no cotidiano do grupo estudado, fornecendo o conhecimento de suas “lógicas internas”. (Deslandes, 2005) “A etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009). Nestes termos, é possível se falar em Etnografia Virtual? O ciberespaço é um ambiente ainda mais instigante para a observação etnográfica, quando se consideram as interações humanas que nele se processam. A etnografia é uma metodologia ideal para o estudo das complexas inter-relações existentes na internet. Ela leva o investigador a adentrar nesse universo por um período de tempo, apropriando-se das relações, atividades e significações que ocorrem entre os participantes. (Hine 2004 apud Dantas & Pereira Neto, 2015).

A pesquisa qualitativa surge como uma possibilidade de analisar discursos e práticas em profundidade, sem pretensão de quantificá-los. Trata-se, portanto, de melhor entender o comportamento de determinado grupo social, em um contexto cultural específico e refletir sobre as questões que surgiram (Barbosa, 2020; Chizzotti, 2000).

Realizamos consultas em alguns repositórios institucionais, como a Biblioteca Virtual da Universidade de Brasília e da Universidade Federal da Paraíba. Além de artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso em repositórios acadêmicos da internet, como o Scielo e o Google Acadêmico. Por fim, a técnica utilizada para analisar os dados foi à análise de conteúdo, Bardin (1977) declara que análise de conteúdo é uma técnica de tratamento e análise de informações obtidas na coleta de dados.

Diante disso, a estrutura dessa pesquisa segue da seguinte forma: no primeiro capítulo trabalharemos a parte introdutória, no segundo abordamos conceitos importantes nessa pesquisa como o de xenofobia e corpo-território. O terceiro capítulo fala sobre as representações sociais do Nordeste: estereótipos e realidades, no qual será dividido em tópicos que vai tratar sobre como se deu a colonização dessa região, sua cultura e os motivos e desafios das migrações nordestinas. No quarto capítulo trabalharemos com a xenofobia contra o Corpo-Território de Nordestinos na rede social Twitter, no qual apresentará dois subitem, o primeiro será liberdade de expressão e Twitter, já o segundo será apresentado os comentários que foram coletados e categorizados da rede social Twitter para análise. Por fim, o quinto capítulo discorreremos sobre as considerações finais.

2 NAS TEIAS DA XENOFOBIA E DA PRODUÇÃO DO CORPO COMO TERRITÓRIO

Este capítulo visa aprofundar nossa compreensão da xenofobia, destacando-a como um fenômeno complexo que permeia a sociedade e que pode ocorrer em qualquer lugar do mundo, manifestando-se de várias maneiras. Essas manifestações podem incluir discursos de ódio, piadas ou comentários preconceituosos, atos de discriminação, violência, estereótipos negativos e até mesmo propaganda xenofóbica disseminada pelos meios de comunicação, incluindo as redes sociais.

Embora muitas sociedades, incluindo o Brasil, se orgulhem de sua reputação de acolhimento e amizade, a realidade é que o preconceito persiste em relação a determinados grupos. Os fatores que alimentam a xenofobia, incluem aspectos culturais, históricos e religiosos. Mostraremos como a xenofobia é, em grande parte, fundamentada em preconceitos e estereótipos enraizados que, muitas vezes, visam justificar a segregação entre grupos étnicos, raciais, culturais, religiosos, entre outros, para preservar a identidade do agressor.

Além disso, analisaremos o conceito de “corpo-território,” enfatizando a importância de compreender que o território não é apenas uma fronteira geográfica, mas um espaço vivo e dinâmico. Este espaço é moldado por interações sociais e culturais, tornando o corpo e o território interconectados. Mostraremos como essa interação entre corpo-território desempenha um papel fundamental na xenofobia e como os estereótipos e preconceitos são frequentemente aplicados a ambos.

Com isso, esse capítulo busca explorar a noção de “corpo-território” no contexto do preconceito, com ênfase na experiência dos nordestinos no Brasil. Destacando como o corpo-território nordestino é atravessado por estereótipos, generalizações negativas e xenofobia, revelando as violações e discriminações que ocorrem tanto em interações cotidianas quanto em um cenário mais amplo, como nas redes sociais.

2.1 XENOFOBIA

A xenofobia é uma forma de discriminação, preconceito, ódio, hostilidade e desprezo aos estrangeiros ou nacionais no mesmo território, Trata-se de um problema social que tem estado presente desde os tempos antigos e baseia-se em diversos fatores, como: culturais, históricos, religiosos, entre outros (Costa, 2021, p. 334). Essa ação

pode se dar de duas formas, xenofobia interna que ocorre dentro do território nacional e a xenofobia externa que se estende ao preconceito e à violência contra a população de outros países (Vieira, 2022). Ambas as formas promovem hostilidade, preconceito e discriminação, prejudicando a convivência e a harmonia social.

Diante disso, podemos ver casos de xenofobia contra venezuelanos e haitianos que chegam aqui no nosso país, devido, a crises humanitárias em seus países de origem, como também, é possível encontrar, por exemplo, casos entre os próprios Brasileiros, como os sulistas que se consideram superiores aos nordestinos, preconceito esse que é historicamente presente na nossa sociedade . Com isso, para Garza (2011):

Pode-se dizer que esse tipo de discriminação se baseia em preconceitos históricos, religiosos, culturais e nacionais, que levam o xenófobo a justificar a segregação entre diferentes grupos étnicos com o fim de não perder a própria identidade. Por outro lado, muitas vezes acrescenta-se um preconceito econômico que vê nos imigrantes competidores pelos recursos disponíveis no seio de uma nação (Garza, 2011, p. 02).

Nesse contexto, tanto o “estrangeiro” como o “nacional” é visto com indiferença e como um rival na busca pelos mesmos objetivos. A partir disso, a imagem passada do imigrante como o “diferente” é contruída em cima de muito preconceito. Esse preconceito que se constitui na opinião equivocada que é considerada certa por determinada pessoa ou grupos de pessoas, no qual, é utilizada em “seu benéfico próprio, sem uso de fatos racionais” (Ramos, 2021, p. 20).

Muito se fala do Brasil ser um país acolhedor, amigável e receptivo, Porém, Ramos (2021) ressalta que “em relação aos povos brancos e ricos, sorrisos abertos; já aos povos pretos e pobres, discriminação“, com isso existe a simpatia com o gringo branco e rico, mas não com o Venezuelano ou Haitiano, assim como, os Centro-Oestinos são cordiais com os Sulistas e preconceituosos contra os Nordestinos (Ramos, 2021, p. 24).

No Brasil, tanto no âmbito do senso comum, como pelos meios de comunicação, boa parte da sua população tem uma visão de entender a região Nordeste como sinônimo de seca, pobreza e miséria, visão essa que foi construída e propagada ao longo dos anos, com isso, criando estereótipos sobre a população nordestina, estimulando preconceitos de toda natureza. A medida que a sociedade foi se desenvolvendo, com o passar dos anos, os estereótipos foram surgindo e criando raízes dentro do nosso país.

Ramos (2021) destaca:

No Brasil, os estereótipos vêm sendo construídos desde a Colônia; o branco português criou a identidade que deveria ser seguida e todas as outras foram recriminadas e, assim, características indígenas e negras foram relegadas à discriminação, enquanto as brancas eram valorizadas dentro da cultura brasileira. Vivemos sob os estigmas criados ao longo dos anos e os nordestinos e nortistas são hoje o grupo de brasileiros que, por preconceito, foi marcado com estereótipos negativos nas outras regiões brasileiras por motivos econômicos, sociais, culturais, raciais e até geográficos (Ramos, 2021, p. 22).

Conforme interpretação que Ramos faz de Bobbio, estereótipos é a forma que um povo se vê e como vê o outro, é a ideia que se cria de ser diferente e melhor do que o outro (Bobbio, 2011, p. 106 apud Ramos, 2021, p.19). Com isso, são ideias e opiniões formadas que determinado grupo social tem sobre outro, seja em relação a raça, gênero, nacionalidade, idade, entre diversos outros. Como exemplo podemos citar os estereótipos sobre o Nordeste e seu povo, como a imagem que é passada como um lugar apenas de seca, de miséria e pobreza.

Assim, a xenofobia é uma prática discriminatória baseada em preconceito e estereótipos em nossa sociedade (Ramos, 2021, p.24). É um fenômeno complexo que se encontra presente dentro de qualquer país e que pode se manifestar de diferentes maneiras, seja através de discursos de ódios, como piadas ou comentários preconceituosos a pessoas de outras origens, discriminação, violência, estereótipos negativos ou até mesmo em propagandas xenofóbicas mostrando ideias preconceituosas pelos meios de comunicação, como mídias sociais.

Portanto, o preconceito, a intolerância, os discursos de odio, a xenofobia podem ser vistos no cotidiano de qualquer pessoa, ataques entre pessoas, seja em relação as características físicas de um determinado sujeito, por ele ser gordo, magro, baixo, alto. Ou, simplesmente, por a pessoa ser de outra cidade, região ou país. Ataques contra o “corpo-território” de determinados grupos é visto com frequência e muito comum dentro de uma sociedade.

2.2 CORPO-TERRITÓRIO

Para compreendermos o conceito de “corpo-território” é preciso dar ênfase ao conceito de território que é muito importante para os estudos geográficos e que possui

diferentes abordagens. Segundo Milton Santos (2007) devemos entender o território como o local onde realizamos todas as ações como, por exemplo, trabalhar, estudar, onde convivemos com outras pessoas, ou seja, como o lugar da “residência, das trocas materiais e do exercício da vida”. Com isso, Milton Santos enfatizou a importância de entender o território como uma construção social dinâmica e não apenas com uma fronteira geográfica.

Nessa ideia de se pensar território, de acordo com Raffestin, “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente o ator territorializa o espaço” (Raffestin, 1993, p. 143). Assim, podemos dizer que o território depende do espaço para se formar, porém, não pode ser confundido com ele, pois, o espaço é anterior ao território. Então, é a partir das relações entre o homem e o espaço que o território é formado. No qual, é resultado da ação humana que dá sentido e importância a um determinado espaço.

Na interpretação de Marques sobre Ratzel é destacado a ligação entre o estado, a sociedade e o solo. Onde o território é fundamentalmente um conceito que reflete a relação entre esses elementos. A ideia de que existe uma forte aproximação entre o estado e o solo sugere que o poder do estado se manifesta geograficamente, através da dominação e controle do espaço físico. Além disso, é destacado a importância da relação entre sociedade e o território. Onde o território só pode ser plenamente concebido quando há uma ligação significativa entre a população que vive nesse território e o solo em si (Ratzel, 1990, p. 73 apud Marques, 2015, p. 46). Isso ressalta a ideia de que a ocupação e a relação das pessoas com o espaço geográfico são cruciais na definição de território.

Marques ao citar Souza ressalta a compreensão do conceito de território, especialmente no que se refere à influência da Ciência Política e da Geografia, no qual é destacado que, por muito tempo, a literatura acadêmica restringiu o conceito de território à escala nacional, ou seja, ao âmbito do Estado-Nação. A concepção tradicional do território frequentemente estava centrada em entidades políticas como os Estados-Nações, onde o território era visto principalmente como o espaço geográfico controlado por um governo central. No entanto, essa visão limitada pode ignorar outras formas de poder e dinâmicas territoriais que ocorrem em escalas diferentes, como locais e regionais. (Souza, 2003, p. 94 apud Marques, 2015, p. 47).

O conceito de território transformou-se muito ao longo do tempo e possui diferentes abordagens, podendo apresentar um significado mais simples como, por

exemplo, quando é considerado uma área de determinado local, delimitada sobre a posse de alguém, como também uma definição mais ampla como das relações sociais, culturais e políticas que acontecem em determinado recorte do espaço. Conforme a abordagem empregada, o território passa a ser visto com uma nova roupagem. Ou seja, o conceito de território vai muito além de uma simples definição, possuindo uma grande variedade de significados. De acordo com Haesbaert (2020):

A conceituação de território em nosso contexto vai muito além da clássica associação à escala e/ou à lógica estatal e se expande, transitando por diversas escalas, mas com um eixo na questão da defesa da própria vida, da existência ou de uma ontologia terrena/territorial, vinculada à herança de um modelo capitalista extrativista moderno-colonial de devastação e genocídio que, até hoje, coloca em xeque a existência dos grupos subalternos, especialmente os povos originários. Desdobram-se assim desde os territórios do/no corpo, íntimo (a começar pelo ventre materno), até o que podemos denominar territórios-mundo, a Terra como pluriverso cultural-natural ou conjunto de mundos – e, conseqüentemente, de territorialidades – aos quais estamos inexoravelmente atrelados (Haesbaert, 2020. p. 76).

Nessa abordagem sobre território de Haesbaert, segundo o mesmo, é muito mais ampla, complexa e transita por diversas escalas que vai além de uma simples associação. Diante disso, Echeverri (apud Haesbaert, 2020, p. 80) citado por Haesbaert, ressalta que o primeiro território de todo ser vivo é o ventre materno, com isso ele traz a ideia de um “território no interior do próprio corpo” e a partir do nascimento do bebê, durante o processo de amamentação, o corpo da sua mãe será o seu território. Então, o feto interage com o corpo (território) e a partir disso recebe nutrientes, oxigênio, estímulos, entre outros, que afetam seu crescimento e desenvolvimento.

Nesse contexto, pode-se dizer que o corpo humano é um espaço onde ocorrem diversas interações, experiências e processos que moldam a identidade e a existência de uma pessoa. Com isso, a partir deste primeiro contato com o corpo-território, há a necessidade a partir das interações e relações sociais, de recorrer a corpos-territórios alheios, seja do corpo de outros ou da terra em si, com o intuito de “garantir sua reprodução e sobrevivência” (Haesbaert, 2020, p. 80).

Outra autora importante neste debate é Verônica Gago, que vai discutir como o corpo-território é explorado, afim de beneficiar determinados grupos e classes sociais. Segundo Verônica Gago(2020):

Corpo-território é um conceito político que evidencia como a exploração dos territórios comuns e comunitários (urbanos, suburbanos, camponeses e indígenas) implica violentar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio da espoliação. A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem (Gago, 2020, p. 107).

Gago (2020) traz a relação do estado com o sujeito, como por exemplo, os ataques aos territórios, lideranças e comunidades indígenas que estão relacionados a uma série de medidas do poder executivo que favorecem a exploração e a apropriação privada de terras indígenas. Na qual temos a atuação do Governo Federal com leis que não favorecem a proteção dos indígenas e seus territórios. Com isso, diante dessa falta de proteção, ataques e exploração contra eles e suas terras é visto frequentemente nos diversos meios de comunicação.

Todo e qualquer povo cria raízes com o território no qual está inserido, onde desenvolve a cultura, os costumes e a forma de ver a vida de acordo com aquele lugar. Então, é bastante importante entender outras culturas e respeitar seus hábitos e costumes. Porém, na prática é algo que não acontece. Nesse sentido, Miranda (2020) declara: "o corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra às histórias e as experiências que o atravessa. Consigo lembrar com riqueza de detalhes as primeiras vezes que o meu corpo-território se sentiu atravessado" (Miranda, 2020, p. 25).

Essa reflexão sobre o corpo-território se expandiu na Geografia e alguns geógrafos ingleses, ainda nos anos 1990, reconheciam essa interação entre corpo e território (e também lugar). Para Steve Pile e Heidi Nast (apud Haesbaert, 2020), por exemplo:

Pouco a pouco, os corpos se tornam relacionais, territorializados de maneiras específicas. De fato, pode-se dizer que os próprios lugares são exatamente o mesmo: eles também são constituídos por relações entre, dentro e para além deles; territorializados através de escalas, fronteiras, geografia, geopolítica (Pile e Nast, 1998, apud Haesbaert, 2020, p. 78).

Então, nesse contexto apresentado, o corpo-território pode se apresentar de duas formas a primeira relacionado ao corpo em si e suas características (físicas e biológicas) como a cor da pele, peso, altura, cor dos olhos e questões relacionadas ao gênero e identidade. Que estão constantemente sob julgamentos ou sendo alvos de críticas e

avaliações negativas por parte de outras pessoas.

Como, por exemplo, em casos de ataques xenofóbicos contra nordestinos, quem nunca ouviu frases com tons pejorativos contra o povo dessa região, como por exemplo, expressões como "Paraíba", "cabeça chata", "Baiano" e "mulher macho". O preconceito contra o corpo pode se manifestar de diversas maneiras, em diferentes contextos e marcam negativamente a imagem dessas pessoas.

A segunda forma está relacionada as relações que determinado grupo social tem com o lugar no qual está inserido, no qual a partir disso, desenvolve hábitos, tradições e costumes. E que a partir disso, fica à mercê de ataques, exploração e influência ou controle de outras pessoas para que siga um padrão específico de comportamento, ação ou pensamento. Como em casos que serão mostrado nesse trabalho de quem mora no Nordeste, que o simples fato de ser dessa região, automaticamente, já é visto com outros olhos por algumas pessoas de outras regiões, como o Sul e Sudeste.

Para tanto, o corpo humano, assim como o recorte espacial habitado por determinado grupo social, se trata e apresenta como um grande território e nele pode-se perceber toda forma de identidade, ancestralidade e cultura (Kambeba, 2020). Então, o corpo-território (Nordestino) que é apresentado nessa pesquisa, manifesta sua identidade de várias formas, porém a manifestação dessa identidade não é bem-vista em alguns lugares do Brasil.

O corpo-território Nordeste, tem sido atravessado, violado e corrompido pelo preconceito, eles sentem essa violação através da xenofobia a eles imputada por questões características do seu “corpo”. A generalização da visão que os Nordestinos têm as mesmas características, também é um estereotipo que deve ser sanado, tendo em vista que apesar de fazerem parte do mesmo corpo-território o seu corpo, como Silva e Ornat (2016, apud Haesbaert 2020, p. 77) citam, não pode ser tratado de “modo neutro e universal, pois tem raça, sexualidade e gênero – além, é claro, de idade (faixa geracional) e classe socioeconômica”.

Portanto, a xenofobia contra esse determinado povo, em geral, se dá pela visão negativa e generalizada que os demais possuem sobre o seu corpo-território. Mas, isso é apenas uma mera justificativa para o emprego do preconceito, que se trata de uma opinião equivocada que é considerada certa por uma e/ou um grupo de pessoas que utilizam de meios para tentar diminuir ou agredir moralmente esse determinado grupo, a fim de beneficiar o seu próprio ego.

Ataques contra o Corpo-território podem acontecer em diversos lugares a

qualquer dia e hora, na rua, nas escolas, no ambiente de trabalho, entre outros, atualmente com o aumento exacerbado da tecnologia as pessoas utilizam as redes sociais para cometer tais atos. Justamente, por ser um espaço que beneficia o agressor a realizar essas ações, por ser um espaço que permite o anonimato dos usuários e por ter poucas restrições impostas pelas plataformas digitais³.

De acordo com Recuero (2009), a rede social é composta por atores (pessoas ou grupos) e conexões (a interação entre os atores). A autora destaca que o surgimento da Internet auxiliou as pessoas a difundirem as informações de forma mais rápida e mais interativa. Com isso, embora existam casos recorrentes de ataques de xenofobia contra o corpo-território nordestino, principalmente por meio das redes sociais, ainda persiste a dificuldade em combater tal prática delituosa (Costa, 2021, p. 335).

Diante disso, é notório afirmar que o preconceito, xenofobia e a exploração contra o corpo-território está presente em toda e qualquer sociedade, onde tratar de forma negativa outra pessoa por ter costumes e uma cultura diferente é bastante comum. Como em casos de xenofobia contra nordestinos, no qual veremos no decorrer desse trabalho, que se encontra fortemente presente no nosso país e muita das vezes sendo um assunto sem importância diante dos olhos de quem comete tais atos.

³ De acordo com Chiarini et al. (2023, p.7), plataformas digitais são redes constituídas por um controlador, que pode ser uma empresa ou qualquer outra organização, a exemplo do estado ou comunicada acadêmica, e pelos seus participantes, com isso, ocorre interações entre os usuários, além disso, facilita a troca de informações, serviços ou produtos.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO NORDESTE: ESTEREÓTIPOS E REALIDADES

O Nordeste é a região Brasileira com o maior número de Estados, nove no total, são eles: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Cada um deles apresenta uma variedade de características culturais, paisagens naturais e tradições únicas, com influência de povos indígenas, africanos e europeus. Porém, infelizmente, a mídia muitas vezes perpétua estereótipos preconceituosos que não refletem a riqueza e a complexidade da região.

Marcado por sua riquíssima história e cultura, o Nordeste apresenta inúmeras belezas naturais, paisagens incríveis, e localidades importantes como, por exemplo, Fernando de Noronha, Chapada Diamantina e o Pelourinho na Bahia, Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses no Maranhão, entre diversos outros lugares que fazem parte da história e que são muito importantes para a economia e desenvolvimento do Nordeste.

O Nordeste possui um litoral extenso, com isso, essa região apresenta praias incríveis, que variam de águas cristalinas a dunas e falésias. Souza (2014) destaca que essa região é composta por “Belas praias, e um clima quente”. Ou seja, é uma região extremamente diversa, com uma variedade de ambientes, paisagens e climas que varia de acordo com o local, podendo ser semiárido, tropical úmido ou equatorial.

A seca, que atinge a região Nordeste durante um certo período, faz com que muitas pessoas pensem que o Nordeste é inteiramente um lugar seco, sem vida, e que não possui nem água encanada, por isso muitos acreditam que os Nordestinos ainda carregam água na cabeça. É um dos estereótipos que atingem os habitantes dessa região, pois isso também alude a miséria e a fome. Com isso, foi construído um imaginário do Nordeste como região de seca, fome, miséria, retirantes e coronelismo, essa região é retratada pela mídia e vista por pessoas de outras regiões, como as do Sul e Sudeste, como um lugar que ficou parado no tempo, que não se desenvolveu.

De acordo com Esteves (2022) esse preconceito contra essa região e o seu povo pode ser vista nos diversos meios de comunicação “ na mídia, nas representações estereotipadas de personagens nordestinos em filmes, novelas e outras formas de entretenimento, bem como na linguagem pejorativa usada para se referir a essas pessoas em alguns contextos“.

A forma como o Nordeste é abordado nas mídias e o desconhecimento das pessoas de outras regiões sobre o mesmo, exerce grande influência na formação de

opinião e no modo de pensar e agir da sociedade em relação a essa região. Trazendo forte manipulação nessa imagem errônea que é passada sobre o Nordeste. Com isso, podemos ver todo tipo de preconceito sendo disseminado no seio da sociedade, com atitudes de intolerância, discriminação e ódio.

Conforme Sousa et. al. (2019), o Nordeste é difundido em filmes, novelas e jornais, como um lugar seco e da pobreza, assim como também já foi apresentado em músicas e na literatura. Alguns dos grandes clássicos da literatura Brasileira tratam sobre a seca no Nordeste, sua paisagem seca e a vida sofrida dos seus habitantes, como as obras *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *O Quinze* de Rachel de Queiroz.

Algumas músicas também abordam esse assunto, como “Seca do Nordeste” de Fagner, “A Seca” de Alceu Valença e uma das mais conhecidas “Asa Branca” de Luiz Gonzaga que fala sobre a seca no sertão nordestino, sobre as consequências para a sua população e a sua saída forçada do Nordeste para outras regiões. Com isso, Sousa (et al, 2019) ressalta que, “Muitas das ideias disseminadas sobre a região Nordeste são equivocadas e transmitem uma imagem que não a favorece, gerando um estereótipo de um ambiente apenas seco e que sofre com êxodo da sua população devido a esses problemas“, (Sousa, et al, 2019).

O Nordeste vai muito além da imagem da seca, frequentemente, retratada pela mídia. Sua cultura, história, beleza natural e influência cultural contribuem para sua complexa identidade. A história dessa região é uma mistura complexa de influências culturais, eventos históricos e desafios enfrentados ao longo dos séculos, por isso, desempenhou um papel fundamental na formação do Brasil e continua a ser uma parte essencial da identidade do país.

3.1 HERANÇA COLONIAL, CULTURAL E IDENTIDADE NORDESTINA

O Nordeste foi a primeira região a ser colonizada pelos Portugueses. O marco inicial ocorreu na atual cidade de Porto Seguro onde Pedro Álvares Cabral chegou em 1500, porém a colonização não começou de imediato, pois os Portugueses estavam mais interessados na Índia. A colonização se intensificou quando o comércio com a Índia decaiu e o Brasil se tornou o principal empreendimento. Com o intuito de explorar os recursos naturais do Brasil, os portugueses dividiram o território brasileiro em

capitanias e sesmarias (Gaspar, 2011).

O Brasil passou a ter um governador geral em 1549, Tomé de Sousa que fundou a cidade de Salvador que foi a primeira capital do Brasil. O Nordeste se desenvolveu por meio do açúcar, produzido na zona da mata da região, Bahia e Pernambuco se destacaram e tornaram-se o epicentro da colonização da região. A grande Riqueza e a abundância dos recursos naturais da colônia atraíram para essa região, piratas e aventureiros de outros países da Europa, como os franceses, holandeses e ingleses (Gaspar, 2011).

Com isso, os Holandeses no começo do século XVII, tentaram de todas as formas invadir e dominar a Bahia e Pernambuco, Diante das tentativas frustradas de dominação sobre a Bahia, as tentativas feitas sobre Pernambuco acabaram sendo bem-sucedidas, e a parti daí, os mesmos, começaram a governar esse estado. Fausto (1996) ressalta que:

As invasões holandesas que ocorreram no século XVII foram o maior conflito político-militar da Colônia. Embora concentradas no Nordeste, elas não se resumiram a um simples episódio regional. Ao contrário, fizeram parte do quadro das relações internacionais entre os países europeus, revelando a dimensão da luta pelo controle do açúcar e das fontes desuprimento de escravos (Fausto, 1996, p.51).

O domínio dos holandeses sobre Pernambuco durou, aproximadamente, 25 anos quando eles foram expulsos por Portugueses e espanhóis. Porém, esse período de domínio dos Holandeses sobre essa região deixou várias heranças tanto na cultura como na arquitetura de Pernambuco.

Até meados do século XVIII, o Nordeste desempenhou um papel crucial no país, era nessa região que a economia se concentrava e prosperava como uma das regiões mais ricas da colônia. De acordo com Fausto (1996): “Nesse período, o Sul foi uma área periférica, menos urbanizada, sem vinculação direta com a economia exportadora. Salvador foi a capital do Brasil até 1763 e, por muito tempo, sua única cidade importante”.

Com o tempo, a produção de cana-de-açúcar passou por crise e desafios econômicos, diante disso, No século XIX, o café se tornou o seu principal produto de exportação o que mudou o eixo econômico para estados do Sudeste, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo que eram as províncias com maior produção de grãos. Até os primeiros anos do século XX o Nordeste tinha uma importância política muito grande.

Assim, surge uma disparidade econômica entre o Nordeste e o Sudeste do Brasil a partir desse período, contribuindo para a criação de preconceitos e desigualdades regionais ao longo da história do país. A perda de concentração de poder e riqueza no Nordeste, seguida pela mudança da capital para o Sudeste, teve impactos duradouros nas dinâmicas regionais e nas percepções sociais entre as populações das regiões, gerando rivalidade entre essas populações e motivando processos de preconceitos e discriminações.

A colonização do Nordeste trouxe a influência de diversas culturas, como indígenas, africanas e europeias. Isso contribuiu para a formação de uma cultura nordestina diversificada e rica em tradições culturais, religiosas e culinárias. Com isso, todo esse processo marcou a sociedade, a economia e a identidade dessa região até os dias atuais.

Devido ao modo de colonização, a população Nordestina é caracterizada pela miscigenação, tendo o catolicismo como a religião predominante e sendo marcada por uma diversidade cultural que se traduz em expressões artísticas, notadamente em suas muitas celebrações elevadas a condição de patrimônio cultural, a saber: a festa de São João, que se trata de uma das principais manifestações culturais comemoradas pelos Nordestinos no mês de junho, com comidas (Canjica, pamonha, milho, entre outros), danças, decoração junina e roupas típicas. A imagem (01) abaixo mostra a festa junina, celebração popular que ocorre no Brasil e muito comum na região.

Imagem 1 – Festa junina



Fonte: <https://grupomidia.com/quemrealiza/festa-junina-so-pode-ser-no-nordeste-confira-as-nossas-dicas/>

No Nordeste a poesia popular é muito rica e diversa, temos a literatura de Cordel, que relata em forma de poesia os costumes e crenças dos povos no qual contam histórias verdadeiras ou fictícias. Há também o Repente que é uma forma de poesias improvisadas, conhecidas como poesias cantadas. O artesanato também é bastante diversificado, cada estado tem suas próprias tradições e técnicas artesanais. Como por exemplo, rendas e bordados, os bonecos de Olinda e trabalhos manuais decorativos confeccionados com cerâmica, madeira, barro e outros materiais. Segundo Bernardes (2007):

No plano cultural, as imagens do Nordeste, dentro e fora da região estão cada vez mais marcadas pelas manifestações da cultura popular: maracatu, bumba-meu-boi, reisado, coco de roda, chegança, frevo, caboclinho, literatura de cordel, xilogravuras, rabequeiros, ciranda, pastoril, entre outras" (Bernardes, 2007, p.44)

Diante disso, tanto a literatura de cordel, as músicas cantadas pelos repentistas, como o artesanato nessa região, as festas comemorativas, desempenha um papel significativo e muito importante no Nordeste do Brasil por várias razões, como por exemplo: preservação da cultura local, gerar renda, atrair turistas de vários lugares do Brasil, promover o desenvolvimento das comunidades e celebrar a diversidade cultural presente da região. Logo abaixo (imagem 02) ilustramos uma poesia de cordel.

Imagem 2 - Cordel



Fontes: <https://images.app.goo.gl/F5CU7geiK476X4Dk7> e Revista do Brasil, edição

Outro fato importante, histórico e cultural sobre essa região que merece ser destacado é o Cangaço, que foi um movimento chamado por muitos de banditismo que começou na segunda metade do século XIX e durou até cerca de 1940 (Pericas, 2011).

Nessa época o Nordeste era governado por Coronéis, que eram grandes proprietários de terras e exerciam grande poder político em suas áreas de influência. Os bandos de cangaceiros eram formados por habitantes da região semiárida, que organizados praticavam roubos e outros delitos em várias cidades. Alguns acreditam que eram grupos de “heróis” que lutavam contra a opressão local, já outros historiadores acreditam que eram apenas um grupo de criminosos (Pericas, 2011).

O grupo mais conhecido era o de Lampião, chamado o “rei do cangaço”, e Maria Bonita, em 1938. Nessa data, Lampião e seu grupo foram cercados por tropas do governo e diante da emboscada silenciosa dos policiais e da superioridade das armas, o bando foi morto. O grupo do Corisco que era um dos membros da turma de Lampião é considerado o último grupo cangaceiro da época, conforme imagem ilustrativa do Cangaço, com Lampião, Maria Bonita e seu bando (Imagem 3).

Imagem 3 - Cangaço



Fonte: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/09/02/A-hist%C3%B3ria-do-canga%C3%A7o-mito-est%C3%A9tica-e-banditismo-no-sert%C3%A3o>

Importante ressaltar que tudo aquilo que o cangaço fazia e como eles eram vistos perante a sociedade marcou, profundamente, o corpo-território nordestino, com isso, criando estereótipos sobre essa região e seu povo, como por exemplo, Nordeste da “macheza”, da violência, da valentia, do instinto animal, do assassino em potencial (Albuquerque, 2011).

A cultura Nordestina é rica, diversificada e abrange inúmeras manifestações culturais, como música, dança, culinária e festas tradicionais. Ainda temos vários

contadores de histórias, pessoas mais antigas que trazem com detalhes vários contos sobre Lampião e o cangaço. A identidade nordestina podemos dizer que é a representação da cultura, história e tradições únicas da região Nordeste, isso se reflete em manifestações como na dança, música, festas populares e tem grande importância da identidade do país.

3.2 MOTIVOS E DESAFIOS DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS

O Nordeste é historicamente caracterizado pelas migrações internas, muitos nordestinos em busca de melhores oportunidades de emprego, devido a falta de oportunidades e pela industrialização nas áreas urbanas do Sudeste, migraram para São Paulo, entre outras cidades do Sudeste. Sousa et al (2017) ressalta:

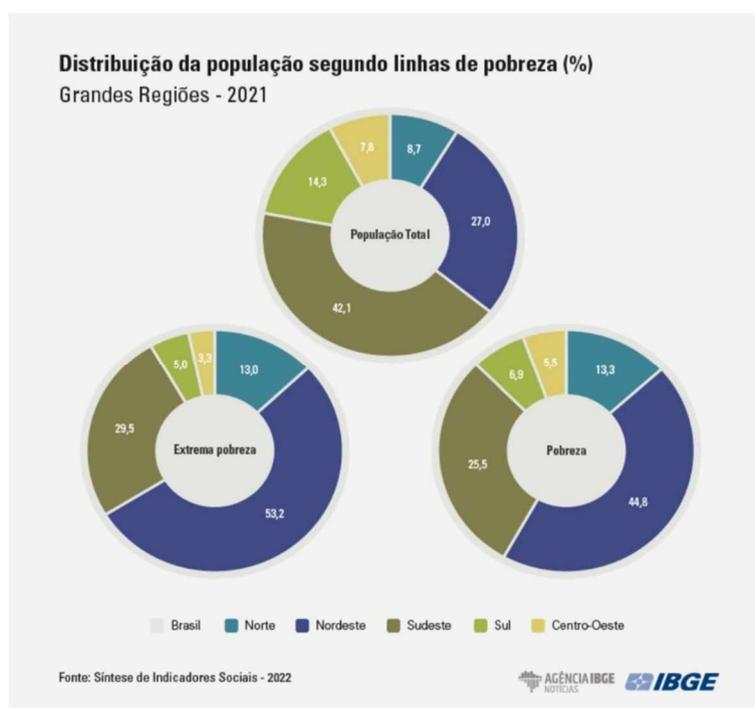
A região Nordeste é caracterizada pelas migrações internas, onde milhões de nordestinos migraram para o Centro-sul, com o surgimento das indústrias nacionais concentrando-se no eixo Rio-São Paulo (Centro-sul do país). Devido as secas prolongadas, altos índices de pobreza, miséria, falta de emprego, má condição de vida, e principalmente a estrutura agrária presente na região Nordeste, associados ao grande desenvolvimento do Centro-sul motivaram tal fluxo de migrantes (Sousa et al, 2017, p. 47).

Percebe-se com isso, uma imagem do Nordeste associada, totalmente, a pobreza, enquanto o Centro-Sul sendo o oposto. Por isso, muitos nordestinos vêm, principalmente, no Sudeste um lugar pra mudar de vida. De acordo com Gomes a imagem dessas duas regiões eram apresentadas de formas totalmente diferentes, “A representação do Nordeste associada ao atraso, à pobreza, à miséria, e na outra ponta, o Sudeste, que representava o motor da economia, a imagem da modernidade” (GOMES, 2006).

Nesse contexto, estimulou-se ainda mais o preconceito contra os Nordestinos, e criou uma imagem deles como inferiores, assim, recebendo um tratamento com muita indiferença pelos habitantes do Sudeste. “Desde o início até os dias atuais, sempre foi carregada de muita discriminação e preconceito, estigmatizando-os como baianos ou cabeça chata” (Gomes,2006). Assim como o uso de termos pejorativos para se referir a eles, muitas das vezes seu sotaque era motivo de piadas e muitos criticavam o simples fato dos nordestinos irem em busca de empregos no Sudeste e citando o Nordeste com um lugar de pobreza.

Embora o Nordeste tenha características naturais impressionantes e uma cultura rica, enfrenta desafios socioeconômicos consideráveis. Alguns fatores contribuem para a presença da pobreza nessa região como, por exemplo, desigualdades sociais, acesso limitado a educação e saúde, políticas públicas inadequadas, entre outros. No que diz respeito especificamente a pobreza, a Imagem 4 expõe dados divulgados pelo IBGE, restando evidente que a pobreza é um problema significativo no Nordeste.

Imagem 4 – Distribuição da população segundo a linha de pobreza



Fonte: IBGE

Os números chamam atenção e preocupa, levando em consideração que a região Nordeste possui menos de um terço da população nacional (27%) e com mais da metade (53,2%) de pessoas vivendo em extrema pobreza do país e quase metade (44,8%) dos pobres do país também se encontrava no Nordeste. Isso, justifica o fato de muitos nordestinos saírem da sua região em busca de melhores oportunidades económicas, devido à persistente pobreza no Nordeste. Nesse contexto, à migração se torna uma alternativa para melhorar as condições de vida, apesar dos desafios que ela pode apresentar.

Diante disso, a migração de nordestinos para outras regiões enfrenta desafios,

como por exemplo, a questão da adaptação a outras culturas, diferentes tradições e modos de vida, assim como à distância da família e o preconceito e estereótipos, devido a imagem errônea criada sobre o corpo-território nordestino ao longo dos anos.

É bastante recorrente, no âmbito do senso comum e também pelos meios de comunicação, essa visão de entender o corpo-território nordestino como sinônimo de terra da “macheza”, da seca, pobreza e miséria, com isso, cria um estereótipo sobre essa população, estimulando preconceitos de toda natureza. Essa constituição do nordeste enquanto espaço da negação vem de muitos anos atrás, é como se ao longo do tempo tivesse ocorrido um constante e profundo afastamento da região nordeste de outras regiões, como sul e sudeste, afastamento que foi se constituindo por diversos olhares, interpretações e sentidos (Albuquerque, 2011).

Diante de toda sua cultura, história, belezas naturais, entre outros. a expressão Nordeste, segundo Bernardes (2007) possui uma diversidade de significados concretos e apresenta uma série de imagens que é a forma como a mídia, assim como outras regiões do Brasil tem do Nordeste "tanto das suas características geográficas, quanto culturais, sociais e econômicas".

Bernardes (2007) destaca que há uma visão do nordeste como de uma região com belas praias, paisagens, entre outros, como também de um lugar marcado pela seca, vinculada a figura de um vaqueiro com sua "vestimenta de couro e sua pele curtida do sol". Em relação aos aspectos culturais a uma imagem passada do Nordeste tanto dentro como fora da região, como um lugar marcado pelas manifestações da “chamada cultura popular”, como, por exemplo, o reisado, frevo, Literatura de cordel, entre outros.

Quanto as representações sociais sobre essa região, assim como podemos ver nos filmes, novelas, jornais, etc, o Nordeste é um significante carregado de uma fantasmagoria que orbita em torno de noções como a do cangaceiro, do agricultor, do “homem da roça”, entre inúmeras outras virtualidades. O Nordeste é descrito como “[...] uma região que conheceu um outro ritmo histórico, e portanto, conservou formas e estruturas das relações sociais” (Bernardes, 2007). Desse modo, nos meios de comunicação do país, o Nordeste é frequentemente representado como pouco desenvolvido e sua população supostamente segue vivendo com o mesmo padrão de vida experimentado por algumas pessoas antigamente.

No que diz respeito a economia, temos a mistura de duas imagens citadas por Bernardes, como a do "tradicional Nordeste agrário-pastoril e a do novo Nordeste, caracterizado pela industrialização pós-Sudeste e pelos novos polos agrícolas voltados

para exportação de frutas”. Com isso, percebe-se que todas essas imagens (estereótipos) sobre o corpo-território nordestino veio sendo construída com o passar dos anos, e hoje está fortemente presente e ativa na nossa sociedade.

Atualmente, com o desenvolvimento e avanço da tecnologia as pessoas vêem como realmente funciona as questões relacionadas as migrações de nordestinos para outras regiões e, principalmente, sobre a seca, e que o Nordeste também é rico de belas praias e locais propícios para turismo. Tanto que recebe turistas do Brasil inteiro, inclusive, em grande quantidade das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Porém, apesar disso, algumas características ainda não são aceitas, como por exemplo, o sotaque do nordestino, sua forma de se vestir, seus costumes e cultura.

4 XENOFOBIA CONTRA O CORPO-TERRITÓRIO DE NORDESTINOS NO TWITTER

Diante de atos xenofóbicos presentes dentro do nosso país, é evidente que o Nordeste é uma das regiões que mais sofre com esse tipo de preconceito. Segundo dados divulgados pela Safernet em 2022 ano de eleições, foram 10.686 denúncias desse preconceito contra essa região e seu povo. Isso afeta as pessoas que sofrem diretamente ou indiretamente com esses ataques que podem ser influenciadas de forma negativa em vários aspectos o que pode lhes trazer sérios problemas psicológicos, insegurança, medo, vergonha, impotência, entre outros.

Importante destacar que praticar atos preconceituosos como a xenofobia passou a ser considerado crime de racismo, conforme decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ), previsto na Lei Nº 9.459/97 que altera a Lei Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Portanto existe previsão legal que enquadra aqueles que possam vir a praticar, induzir, incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Além disso, quem comete xenofobia é passível a reclusão de um a três anos e multa, é justamente, essa parte que aborda sobre “procedência nacional” que abrange os casos de xenofobia.

Recentemente esse arcabouço normativo passou a ser mais rigoroso com a sanção presidencial da Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023 que altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público.

A grande maioria dos que cometem preconceito, discriminação na rede social contra Nordestinos, falam que tem o direito de expressar suas opiniões, ideias e pensamentos, porém, as pessoas ultrapassam os limites da liberdade de expressão. Proferir palavras preconceituosas, não é liberdade de expressão, e sim um crime contra outra pessoa que tem os mesmos direitos assegurados e é considerado igual a todos aos demais perante a lei.

Nas eleições para Presidente em 2022 o Nordeste sofreu ainda mais com ataques

xenofóbicos. Os quase 13 milhões de votos nordestinos a favor do candidato do PT, logo deu lugar a comentários preconceituosos e ofensivos partindo de perfis bolsonaristas nas redes sociais. Porém antes disso, na eleição de Dilma Rouseff (PT) as ofensas e depreciações a eles por questões políticas já ocorriam. De acordo com Esteves (2022) historicamente, o Sul e o Sudeste tinham grande influência na definição dos rumos políticos no Brasil e o Nordeste acabou com o esse domínio por grande parte da sua população votar em candidatos do PT:

A região Nordeste quebrou essa lógica de predomínio dos estados do Sudeste e do Sul da definição dos eleitos para a presidência da república. Além do ódio de classe, contra os mais pobres, agora convivemos com um tipo de preconceito motivado pelo exercício da cidadania (Esteves, 2022, p. 04.)

A Safernet constatou que durante as eleições esses ataques aumentam, no dia seguinte, após a ampla vantagem no Nordeste do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a internet amanheceu com “xingamentos e ataques de toda espécie a nordestinos “, onde muitos estavam sugerindo até mesmo a separação do Sul e Sudeste do restante do país. Segundo a Safernet após o primeiro turno da última eleição para Presidente foram feitas 348 denúncias de xenofobia, no qual 232 delas eram links únicos.

Diante de tantos ataques discriminatórios, recentemente, no estado do Ceará foi aprovado no parlamento a criação da Delegacia de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou Orientação Sexual (Decrim) da Polícia Civil do Ceará. A pauta teve amplo apoio da Defensoria. Durante uma entrevista, Mariana Lobo, supervisora do Núcleo de Direitos Humanos e Ações Coletivas da Defensoria Pública do Estado do Ceará (DPCE) destaca a importância de amplificar essa pauta “porque, o que vemos no NDHAC no dia a dia é que, por vezes, os próprios servidores de segurança pública e membros do sistema de justiça não compreendem quais condutas podem vir a ser racismo. Essa Delegacia é uma conquista do movimento negro e Toda a sociedade cearense”. Portanto, ações como essas são muito importantes, relevantes e necessárias no combate a xenofobia.

4.1 LIBERDADE DE EXPRESSÃO E O TWITTER

A liberdade de expressão é um direito fundamental que está previsto na Constituição Federal de 1988, esse direito permite as pessoas manifestarem suas

opiniões, onde os indivíduos exteriorizam sua opinião pessoal sem medo de represálias acreditando que está exercendo fielmente seu direito. Segundo Costa (2021) :

liberdade de expressão significa o direito das pessoas expressarem a sua opinião, sendo livre toda e qualquer forma de manifestação de pensamento, independentemente do meio. Desse modo, a manifestação de pensamento poderá ser exercida de várias formas, a principal delas é a falada, onde os membros da sociedade expressam suas ideias e opiniões em discursos para outro indivíduo ou grupo. A segunda maneira mais usual é a escrita, que pode ser vinculada aos mais diversos meios de comunicação, aonde a informação e os discursos podem se propagar rapidamente, atingindo uma coletividade quase que instantaneamente, neste quesito há um destaque especial para a internet, principalmente as redes sociais. (Costa, 2021, p.326).

É nítida a relação da liberdade de expressão com a mídia, pois ela é responsável por possibilitar as mais variadas maneiras de manifestação da opinião. O direito de expressar não indica que não haja limites éticos e morais que devam ser preservados nos meios de comunicação social. A liberdade não significa o direito de ofender ou denegrir alguém por que uma pessoa não concorda ou não aceita o modo de pensar ou de viver da outra, por isso deve haver um “limite” da liberdade no momento em que a honra, a dignidade física e moral ou até mesmo a democracia estão sendo violados. O debate sobre o equilíbrio da liberdade de expressão e restrições legais é contínuo. Desde que não tenha como intuito espalhar ódio e preconceito a liberdade de expressão é essencial em uma sociedade democrática. A imposição de um controle autoritário sobre a liberdade de expressão é vista como uma ameaça aos direitos individuais e a democracia. Logo a baixo (imagem 05) abordando um ponto de vista autoritário sobre os limites da liberdade de expressão.

Imagem 5 – Limites a liberdade de expressão



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/5o0dx5OK6?s=cl>

Em democracias, a diversidade de opiniões e a capacidade de expressar ideias discordantes são consideradas cruciais para um debate público saudável e para a tomada de decisões informadas. Porém, quando essa liberdade é usada para disseminar preconceito, discurso de ódio ou discriminação contra outras pessoas com base em características como raça, religião, gênero, orientação sexual, entre outros. Isso cria uma situação complexa, pois ultrapassa os limites da liberdade de expressão.

A liberdade discriminatória tem sido constante nas redes sociais, onde muitos grupos vulneráveis e que pertencem a chamada “minorias” tem sido alvo de ataques com comentários desrespeitosos. Segundo informações da *Safernet* (2022), no ano passado houveram mais de 74 mil denúncias de crimes envolvendo discurso de ódio pela internet que foram encaminhadas para Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos da *Safernet*, que é uma organização de defesa dos direitos humanos em ambiente virtual, o maior número desde 2017, que representou um aumento 67,17% em relação a 2021.

Dentre os crimes cometidos por este meio o que mais cresceu foi à xenofobia, caracterizado pelo preconceito e intolerância contra um determinado povo, só a xenofobia teve um aumento de 874% entre 2021 e 2022, onde foram constatadas 10.686 denúncias.

Entre as diversas redes sociais com o maior número de discursos de ódios o Twitter é uma das que lideram o ranking (Costa, 2021, p. 327). Esses discursos de ódio vão criando grandes proporções e se espalhando cada vez mais, devido o aumento de pessoas conectadas á rede mundial de computadores no últimos anos e, conseqüentemente, o uso das redes sociais e a facilidade e rapidez com que as pessoas podem se comunicar. Além disso, muitas das vezes com a possibilidade do anonimato pelos usuários.

Recuero (2009) colabora ressaltando que o advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade, sendo a possibilidade de expressão e sociabilização por meio das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador a mais significativa. Assim como a internet, as redes sociais também estiveram nesse processo de evolução em que os atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e as suas conexões (interações ou laços sociais) são o que definem uma rede social (Recuero, 2009).

Dentre essas redes de comunicação existentes, uma bastante conhecida e que será tratada como a principal no presente trabalho é o Twitter, que foi lançado em março de 2006 por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, na cidade de São Francisco,

Califórnia (EUA). Inicialmente, era conhecido como “Twtr” e tinha uma limitação de 140 caracteres por tweet. Rapidamente, ganhou popularidade como uma plataforma de microblogging (Alves, 2011). Permitindo que as pessoas compartilhassem pensamentos, notícias e atualizações breves. Nessa rede social é possível criar uma página, escolher quem seguir e ser seguido por outros, cada usuário tem suas mensagens publicadas, chamadas de tweets, para os seguidores que acompanham em uma janela própria (Recuero, 2009).

Diante disso, Alves (2011) ressalta que o twitter é uma forma de interação social que permite a troca de experiências com indivíduos de várias esferas culturais, sociais e nacionais (Alves, 2011, p. 99). O Twitter se tornou uma plataforma importante para a disseminação de notícias em tempo real e para discussões sobre diversos tópicos, como política, esportes, cultura, entretenimento, e muitas das vezes as pessoas também discutem atitudes preconceituosas que ocorrem dentro desse espaço. Além disso, as hashtags⁴ se tornaram uma parte importante da plataforma, ajudando a organizar e categorizar conversas. Para tanto:

Ainda que a ferramenta tenha constantemente sido apropriada para a difusão de informações, o caráter de rede social encontra-se presente, na medida em que essas informações são distribuídas para os seguidores, os quais podem se apropriar dessas informações e respondê-las ou “retwitálas”, repassando-as para suas redes. Além de tornar públicas as conexões entre os usuários, portanto, o Twitter ainda permite que as trocas de informações entre os usuários possam ser acompanhadas, o que torna esse site de rede social propício para o estudo da difusão de informações (Recuero e Zago, 2010, p.71).

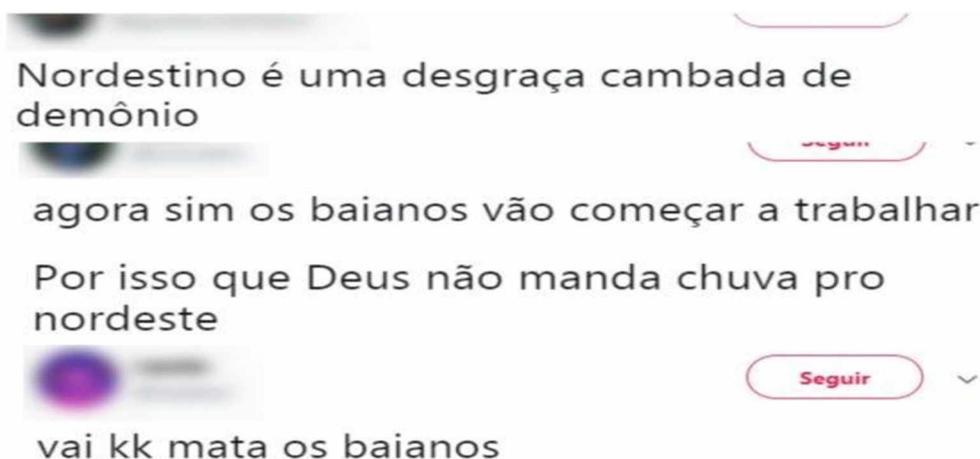
Recentemente, em abril de 2022, o Twitter foi vendido ao bilionário Elon Musk, depois de um longo período de negociações com os donos da marca. No total o bilionário pagou 44 bilhões de dólares pela plataforma. Com isso, Musk passou a ditar novas regras, como por exemplo, o serviço por assinatura twitter blue, que entre vários benefícios, permite aos pagantes a capacidade de adicionar um selo de verificação. Outra mudança feita pelo novo dono dessa rede social, e uma das principais foi a mudança de nome, no qual deixou de se chamar “Twitter” e passou a se chamar “X”.

Porém, mesmo com todas as mudanças e restrições implantadas é uma rede

⁴ Hashtag constitui-se em um elemento linguístico que é composto por uma tag palavra-chave precedida de um símbolo de hash ou cerquilha conhecido popularmente como "jogo da velha". A sua utilização não é vinculada a um idioma específico, mas tem como regra que a tag pode conter letras, números ou emojis, não sendo permitida a utilização de caracteres especiais como, por exemplo, \$ ou %. (Rosa, Loureiro, 2022, p. 7).

social na qual podemos ver com frequência comentários com ataques e discursos de ódio, frases de discriminação, intolerância, racismo e todo tipo de preconceito, como por exemplo, comentários contra nordestinos. Por isso, é uma rede social que é utilizada por muitos como um dos principais meios de disseminação de ataques a honra e a moral das pessoas. Dito isto, é comum encontrar comentários que nem os destacados na imagem (06):

Imagem 6 – Comentários em uma rede social



Fonte: Jornal correio, publicado em 28/10/2018.

Percebe-se, diante desses comentários, que muitos falam que estão apenas expressando suas opiniões, essa “liberdade de expressão” no Twitter pode ocasionar alguns problemas como os discursos de ódio, desinformação, assédio, polarização e incitação à violência, tornando o ambiente (espaço) digital menos seguro e saudável. A moderação e o equilíbrio são desafios contínuos para as plataformas.

Diante de comentários preconceituosos e discursos de ódio, recentemente, dia 17/04 do referido ano, o Twitter afirmou que vai mostrar um aviso quando um tuíte tiver o alcance reduzido por violações de regras contra discurso de ódio⁵. Segundo a rede social, a medida foi tomada para dar mais transparência à fiscalização sobre o conteúdo postado por usuário, o que já um avanço no combate a disseminação do ódio e preconceito.

Por isso, o combate a esses tipos de comentários deve ser constante para que todos possam se expressar de forma política, social, cultural, e intelectual de modo que a democracia não seja violada e todos possam interagir e trocar informações devidamente

⁵ Para mais informações, acesse: https://blog.twitter.com/en_us/topics/product/2023/freedom-of-speech-not-reach-an-update-on-our-enforcement-philosophy.

respeitando a o bem estar e a moral de todos. A intensa intolerância e discurso de ódio no Twitter é bem presente, assim isso deve ser enfrentado, uma vez que, quase diariamente são postados comentários com teor racista e discriminatório, como mostrado acima e como os comentários que serão mostrados a seguir no item 4.2.

4.2 DISCURSOS XENOFÓBICOS CONTRA NORDESTINOS NO TWITTER

O Twitter é um dos principais meios utilizados para os ataques xenofóbicos aos nordestinos, comentários violentos, racistas, de todo tipo são postados e repostados com frequência. Com isso, será destacados quadros mostrando de forma categorizada alguns desses comentários e relatos, para que seja possível observar o nível de desrespeito, a falta de moralidade e como a xenofobia está presente no dia a dia da sociedade e muitas das vezes não é levado a sério. Embora as postagens feitas no Twitter sejam públicas, decidimos manter as identidades dos sujeitos em anonimato. Em lugar do nome dos internautas, foi atribuído uma sequência numérica de modo a substituí-los.

Os comentários categorizados são de respostas a uma postagem feita no Twitter no dia 05 de setembro de 2020, com o seguinte conteúdo: “gente descobri q o povo de SP fala "coisa de baiano" como se fosse coisa ruim.. enfim odeio paulista, odeio São Paulo, por mim aquela cidade explode com todos os brancos dentro”. A escolha dessa postagem se deu em razão da quantidade de “curtidas” que ultrapassou a marca de 38,6 mil, bem como seus mais de 3,5 mil compartilhamentos por outros usuários e 2,9 mil comentários.

Os comentários que foram categorizados de uma única postagem é apenas uma pequena parte de diversos outros feitos nela. isso nos mostra como o assunto é abordado em uma rede social e que é o reflexo daquilo que vemos no dia a dia na sociedade. Ver a região Nordeste como inferior a outras regiões, como o Sul e Sudeste, ignorando toda a sua história e cultura. Se referir aos nordestinos como Paraíba, cabeça chata, sem água, falar “Baianagem” ou coisa de Baiano como algo ruim, o uso desses termos de forma preconceituosa criou raízes profundas dentro do nosso país e é passado de geração em geração como se fosse algo normal, comum e como um padrão a ser seguido.

Muitas vezes, uma pessoa ao cometer xenofobia em uma rede social acaba motivando outras pessoas que também tem algum tipo de pensamento preconceituoso há fazer o mesmo. Como no caso da própria autora da postagem que ao comentar o fato

acaba sendo preconceituosa ao escrever “odeio Paulista, odeio São Paulo, por mim aquela cidade explode com todos os brancos dentro”. Com isso, ela tem uma abordagem incorreta e ineficaz, pois está discriminando um grupo em resposta a outro grupo que esta sofrendo preconceito.

Com isso, os comentários a seguir nos mostra a partir de relatos e menções xenofóbicas sobre o corpo-território nordestino, como a xenofobia contra essa região esta presente na sociedade, e que na maior parte das vezes é levada como uma brincadeira (piada) ou como algo sem importância por aqueles que cometem tais atos.

QUADRO 1 – CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NEGATIVOS

Internauta	Comentário
1	Na real eles usam pra tudo que denominam “brega”. Baiano pra eles são pessoas cafonas, espalhafatosas e que se vestem mal, logo eles usam tudo que compartilhe desses mesmos adj para denominar “coisa de baiano” e/ou “baianagem”
2	Tbm é usado [“paraíba”], já ouvi algumas vezes. Quando a pessoa é muito feia ou algo é vagabundo, tipo quebra fácil, sem qualidade
3	Eu tinha um amigo do nordeste, na sala de aula nos chamávamos ele de sem água, garoto gente fina
4	Um professor meu que tive em sp ele falava “baianagem” pra algo tosco. Detalhe: sou baiana
5	Ja ouvi mto "baianada" "Negrice" qndo as pessoas sao atrapalhadas, caem ou derrubam as coisas... Eu sou catarinense. O problema do Brasil, é o Brasileiro.
6	E o povo do Espírito Santo q associava tudo de ruim q eu fazia/acontecia(nota baixa...) cmg com o fato de eu ser baiana
7	falam isso aqui no sul tbm 'coisa de baiano' relacionam a preguiça e desapego. Acho uma falta de respeito tremenda mas minha palavra é o mesmo que nada

8	O "Coisa de Paraíba" também meu namorado é carioca quando ele veio aqui PR eu já notei a família dele falando isso como se fosse "Coisa de gente burra" Tipo wtf
9	Jogamos [bola] descalços geralmente, e quando alguém joga de chinelo é chamado de paraíba, mas pelo sentido da "estranheza" por ser algo diferente.
10	paraíba na minha cidade é peão de obra, tosco

Essa categoria (construção de estereótipos negativos), aponta para existência de estereótipos negativos associados ao corpo-território de nordestinos, sugerindo que há uma tendência em retratar as pessoas do Nordeste de forma preconceituosa ou injusta. A palavra “construção” implica que esses estereótipos não são inatos, mas criados e perpétuados ao longo dos anos por meio de interações sociais, mídia, educação e outros meios.

Com isso, podemos ver, por exemplo, no comentário do internauta 1 dessa categoria, que o autor descreve que o termo “baiano” é frequentemente usado para rotular algo como “brega”, isso reflete a associação de estereótipos negativos á cultura baiana, que é injusta e preconceituosa. O comentário sugere que os baianos são vistos como pessoas cafonas e espalhafatosas, o que perpétua uma visão negativa e simplista da cultura e do seu comportamento, ao mencionar que, os mesmos, são percebidos como mal vestidos, reforça a ideia de preconceito contra a aparência e estilo das pessoas do Nordeste. Nesse comentário o uso das expressões “coisa de baiano” e 'baianagem” como forma de desaprovar algo amplia a perpetuação dos estereótipos negativos e torna-os ainda mais prejudiciais.

O internauta 2, destaca o uso do termo “Paraíba” associado a algo feio, de baixa qualidade ou frágil, a utilização de “vagabundo” e "quebra fácil” para descrever algo ligado a Paraíba insinua preconceito em relação a produtos ou serviços dessa região. A Associação entre “Paraíba” e características negativas promove a discriminação, o preconceito, a xenofobia, generalizar algo como “sem qualidade” com base em sua origem é inaceitável, pois não considera a diversidade que existe em determinado lugar.

O preconceito, infelizmente, pode ser encontrado em diversas situações e

lugares, no caso do internauta 3, que descreve o uso do apelido “sem água”, dado a um amigo do Nordeste. O comentário destaca a dinâmica entre os amigos na sala de aula e como apelidos podem ser usados, as vezes, de forma carinhosa, mas também potencialmente ofensiva. O autor menciona que o amigo é “gente fina”, o que sugere uma relação positiva entre eles. No entanto, isso não justifica o uso de um apelido que pode ser ofensivo ou desconfortável. Dai a importância de abordar questões relacionadas ao preconceito em sala de aula e incentivar os alunos a evitarem apelidos preconceituosos, isso é fundamental por diversas razões, como: promoção da igualdade e diversidade, respeito mútuo, ambiente de aprendizado positivo e prevenção do bullying. Portanto, discutir sobre o preconceito em sala de aula beneficia o ambiente escolar e contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos na sociedade.

Continuando nessa abordagem sobre o preconceito no ambiente escolar, o internauta 4 comenta uma situação que um professor, que teve em São Paulo, usava a expressão “baianagem” para se referir a algo tosco. Como sabemos, o Professor desempenha um papel fundamental na moldagem do ambiente em sala de aula, e são responsáveis por criar um espaço de aprendizado seguro e respeitoso. O uso do termo “baianagem” com conotação negativa demonstra o despreparo do professor em termos de sensibilidade cultural e respeito e abre um espaço para que os alunos recriem seu comportamento. Professores tem a responsabilidade de serem modelos para seus alunos o uso de linguagem preconceituosa em sala de aula pode influenciar negativamente os estudantes e promover a intolerância.

Outros termos utilizados contra o corpo-território de nordestinos é citado pelo internauta 5, como “baianada” e “negrice”, para descrever pessoas que cometem erros ou são atrapalhadas. “Baianada” é uma expressão regionalista usada em forma preconceituosa, associando a Bahia a essa característica. Já “negrice” é uma expressão racista e discriminatória que reforça estereótipos sobre pessoas negras. O uso desses dois termos reflete preconceito regional e racial. Outro ponto a ser destacado nesse comentário é afirmação que “o problema do Brasil é o brasileiro “ pois é uma generalização injusta, tendo em vista que o Brasil é um país vasto, com uma grande diversidade, e não é justo culpar todos os brasileiros por ações individuais.

Essas expressões “baianagem”, “coisa de baiano”, “Paraíba “, também são destacadas pelos internautas 6, 7 , 8 , 9 e 10, sendo relacionadas a coisas estranhas, tosca, a preguiça e desapego. Importante destacar o termo “coisa de Paraíba” citada pelo

internauta 8. A expressão é mencionada sendo usada de maneira pejorativa, associando-o a algo considerado “coisa de gente burra”. O uso do termo pejorativo (coisa de Paraíba) usado pela família do namorado da internauta reflete a transmissão de preconceitos regionais de uma geração para outra, isso demonstra como o preconceito pode ser perpetuado nas famílias e comunidades. Com isso, a utilização de expressões desrespeitosas baseadas em preconceitos regionais, como as mencionadas, perpetua visões estereotipadas e negativas em relação a pessoas e lugares.

QUADRO 2 - SUPERIORIDADE REGIONAL DO SUDESTE

Internauta	Comentário
1	Uma das coisas q eu mais odeio daqui. Adoram ficar se colocando em pedestais "pq os bandeirantes blablabla e maior economia pipipi popopo" eh um inferno. E tudo fora daqui eh mato ou perigoso. Paulista tinha q morrer, eu inclusa
2	SP está para o Brasil igualmente como os EUA estão para o resto do mundo. Cheio de gente arrogante que por algum motivo se acha superior aos outros apenas por ser... paulista
3	Mas olha tecnicamente nós somos o centro do brasil, somos o estado com maior renda, maior numero de imigrantes e de população tbm, e só o nosso PIB sozinho ja é 35% do PIB geral do brasil

A categoria “superioridade regional do Sudeste” aborda o fato da região Sudeste se sentir superior a outras regiões, isso reflete uma visão preconceituosa que sugere que uma região do Brasil é superior as outras, perpetuando a rivalidade e o preconceito regional e prejudicando a coesão do país.

Dito isso, o comentário do internauta 1 expressa uma forte insatisfação com atitudes de superioridade regional, com um foco especial na região Sudeste, especialmente em São Paulo, devido a razões históricas ou econômicas. A expressão “fora daqui é mato ou perigoso” denota desprezo por outras regiões do Brasil, reforçando estereótipos negativos e desconsiderando a diversidade e riqueza de todo o país. O comentário reflete uma frustração compreensível em relação a arrogância regional, mas também inclui declarações hostis e preconceituosas como “Paulista tinha

que morrer”, essas afirmações são altamente problemáticas, pois promovem ódio e hostilidade, o que não é construtivo e que pode ser prejudicial, pois pode disseminar mais atos de discriminação.

O comentário do internauta 2, estabelece uma analogia entre São Paulo e EUA, sugerindo que ambos podem ser vistos como centros de arrogância e superioridade em relação às regiões e países vizinhos, crítica essa atitude de superioridade percebida e insinua que não há justificativa legítima para a arrogância baseada apenas na origem geográfica.

Já o internauta 3, cita fatos relacionados à economia e a demografia de São Paulo, como seu alto PIB, grande números de imigrantes e população significativa. O comentário pode refletir um certo orgulho em relação ao estado de São Paulo, o que é natural e compreensível. No entanto, a maneira como o comentário é estruturado, especialmente a referência ao estado como “centro do Brasil”, pode ser interpretada por algumas pessoas como um sinal de superioridade ou arrogância regional. Importante lembrar que cada estado do Brasil tem suas próprias características, contribuições e desafios, e nenhuma região deve ser vista como superior ou inferior as outras. Valorizar a diversidade e promover a igualdade é essencial.

QUADRO 3 - INFERIORIDADE REGIONAL DO NORDESTE

Internauta	Comentário
1	N é só em sp, todas as outras regiões se acham superior ao nordeste, eles usam o nome do povo de tds os estados do nordeste como ofensa: baianagem, paraíba, da terrinha, maranhense, cearense etc.. Já ouvi tds sendo usado na tentativa de diminuir a pessoa, podre véi.
2	se fosse só isso até dava pra aguentar. 7 anos TODOS OS DIAS tendo um sulista falando alguma bosta pra mim sobre meu sotaque, comida, cultura, “aparência nordestina”, e me generalizando enquanto nordestina. por mim pode tacar fogo

3	na vdd oq eu reparo aqui é uma zoação com o nordeste todo, sobre o sotaque e os costumes, como se fossem pessoas inferiores, sabe? engraçado q na hora de viajar amam postar no instagram ne
4	Não vamos esquecer que no Rio tbm nordestino vive ouvindo as mesmas piadinhas sem graça. Não pode ouvir um sotaque nordestino que começa a tirar sarro em se estivéssemos falando errado. Quando estive por lá foi terrível lidar.
5	O meu pai é da paraíba e uma vez (há muito tempo) precisou ir a sp resolver um negocio. Aí como não conhecia a cidade, precisou perguntar como chegava e tal e os paulistas quando percebiam que era do nordeste, davam informação errada pra ele se perder mais
6	Eu já ouvi de um professor a seguinte frase quando eu fui tirar dúvida no final da aula: "Se >>o seu povo<<< tem dificuldade de acompanhar a minha aula, sugiro que você estude mais ou desista da matéria" Oxe, me formei e voltei pra Salvador..... tá doido
7	Chamam coisas bregas de "baianagem". Eu sou baiana e me mudei tem quase 2 anos, e vou te falar, terminei o 3 ano na força do ódio e estava até cogitando sair da escola e fazer aquela prova, pq N AGUENTAVA MAIS! Até meus professores eram xenofobicos, cara. Até minhas notas meu professor de matemática diminuia (pq as vezes colavam de mim A PROVA INTEIRA, e ficavam c a nota maior), e apontava pra mim na sala "ELA NÃO SABE MATEMÁTICA PQ ELA É DA BAHIA, HÁ UM GRANDE PROBLEMA NO ENSINO DA BAHIA". Ele ainda mandou mainha me mudar pro turno da noite, pq era "mais facil" pra mim. Detalhe: eu estudava no colegio da policia militar em Salvador, e o ensino lá era mil vezes melhor e MUITO MUITO mais dificil do q td q eu aprendi em SP

Na categoria “inferioridade regional do Nordeste” aponta para a percepção que o Nordeste é visto como menos desenvolvido ou menos importante em comparação com outras regiões. Como é destacado pelo internauta 1 ao comentar que essa percepção de inferioridade regional é uma questão não apenas em São Paulo, mas também em outras regiões do Brasil. Isso aponta para a existência de estereótipos negativos em relação ao Nordeste em todo o país. No qual, é destacado termos como “Paraíba”, “baianagem”, “cearense” e “maranhense”, como formas de ofensa ou menosprezo. O comentário destaca o impacto prejudicial que essa forma de preconceito regional tem sobre as pessoas, causando danos psicológicos e sociais. Isso indica a necessidade de abordar o preconceito regional de maneira mais ampla e profunda.

O internauta 2 expressa uma profunda frustração e exaustão em relação ao preconceito e à discriminação enfrentados por uma pessoa nordestina, devido a estereótipos negativos associados a sua origem. O comentário destaca a persistência da discriminação vivenciada pela pessoa durante sete anos, indicando um nível extremo de exaustão emocional e mental. A internauta comenta que a discriminação abrange diversos aspectos, desde sotaque até comida, cultura e aparência. Isso ressalta a variedade de estereótipos negativos enfrentados por indivíduos nordestinos. Por fim, é destacado a generalização prejudicial que a pessoa enfrenta como “nordestina” subestimando sua individualidade e identidade.

Essa zoação com o sotaque e os costumes Nordeste, é descrita pelos internautas 3 e 4, que apontam que essa forma de preconceito faz as pessoas do Nordeste se sentirem inferiores. A observação sobre a zoação sugere que isso tem um impacto negativo sobre a comunidade nordestina, criando um ambiente negativo e excludente. Em relação a menção a fotos em viagens citada pelo internauta 3, é destacado uma hipocrisia na qual as pessoas podem valorizar a região quando lhe convém, mas ao mesmo tempo perpetuar estereótipos negativos. Ou seja, percebe-se a ironia de zombar da cultura nordestina enquanto, ao mesmo tempo, se aprecia a região em viagens. E como aponta o internauta 4 isso não se limita apenas a um estado, mas também ocorrem em outros, como o Rio de Janeiro.

O internauta 5 relata uma experiência em que o pai, sendo nordestino da Paraíba, enfrentou dificuldades em São Paulo, em que as pessoas intencionalmente deram informações erradas para que ele se perdesse ainda mais. Percebe-se que essa situação não afetou apenas o pai, mas também a família que compartilhou essa experiência. Além de causar desconforto e discriminação para as pessoas do Nordeste, essa atitude

dos paulistas em relação ao nordestino citado pelo internauta, prejudica a imagem de São Paulo e de seus habitantes.

O comentário do internauta 6 relata uma experiência de discriminação e preconceito regional em um ambiente acadêmico, em que um professor pareceu menosprezar o “povo” do Nordeste, sugerindo que a dificuldade em acompanhar a aula era uma característica comum a essa origem. Com isso, o professor reflete preconceito regional evidente, em que ele faz generalizações sem fundamentos sobre a capacidade de aprendizado das pessoas com base em sua origem. Em sua posição de autoridade em sala de aula, usou essa autoridade de maneira inadequada ao fazer tal comentário. Como descrito no relato, essa experiência afetou a decisão do autor de se formar e retornar a Salvador, isso destaca como esse tipo de discriminação pode influenciar as escolhas de carreira e o local de residência das pessoas.

Outro caso em ambiente escolar é destacado pelo internauta 7 que descreve uma experiência de preconceito vivida por uma estudante baiana que se mudou pra São Paulo. A internauta descreve um ambiente escolar em que os professores expressavam preconceitos e estereótipos sobre a capacidade dos estudantes baianos. O fato do professor de matemática diminuir as notas dela e atribuir isso a sua origem é inaceitável e mostra o despreparo de muitos professores pelo Brasil. A autora menciona que estava considerando desistir da escola devido a discriminação que enfrentava. Isso destaca como o preconceito pode minar a motivação dos estudantes e prejudicar seu desejo de aprender. É fundamental promover um ambiente educacional que seja respeitoso e igualitário, onde todos os estudantes tenham a oportunidade de aprender e crescer sem discriminação.

QUADRO 4 - NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Internauta	Comentário
1	E falam mesmo, já presenciei várias vezes (de 1383297 pessoas diferentes). Eu sou de Sergipe aí um cara falou na minha frente "não plmmds isso é mó coisa de baiano" aí virou pra mim e disse "sem ofensa" ?????? Ainda tem isso de achar que o nordeste é um estado só.

2	eu sempre falei e mas nnc sabia que era errado ate um ano atras?? aqui meio que é gíria e ngm ta nem ai se é pejorativo (old que ta errado ne) mas é realmente uma bosta meu deus
3	é uma gíria antiga eu acho, meus pais falam e eu acho errado e sempre corrijo mas o pessoal fala e nem percebe o significado que tem, mas da minha idade nunca vi ninguém falando ainda bem
4	Conheço muitos baianos que usam essa expressão, tanto que aprendi isso com eles E são pessoas que nasceram e moram na Bahia até hoje Se você vai odiar todo mundo que fala isso, se prepare pra odiar baianos também
5	Eu tento ao máximo me acostumar para não falar isso (desde quando entendi do que se tratava e como era errado), infelizmente fui criado com essas frase vinculado a coisa ruim e sou a acostumado falar desde cedo
6	amg o preconceito regional tá tão instaurado q até mesmo quem vem daí (eu tenho parentes q vieram) falam isso, eu fico abismada q eles nem se dão conta cara, e eu tenho medo de falar pq eles são mei ignorantes e brigam achando q a gente tá falando por mal
7	Concordo, por mim podia explodir a Bahia com todos os negros dentro
8	Foda-se caralho, mó coisa de baiano
9	O problema do bahiano e liga de mais pra as merda que os outros falam , quebra a cara por conta disso
10	isso é coisa de baiano,n acordou nem acordou nem com terremoto mais pra acordar pra reclamar acorda
11	odeio baiano, odeio a Bahia, por mim aquele Estado explode com todos os pretos dentro
12	impossível eu ser xenofóbica, eu amo uma pessoa nordestina olha

A categoria (Naturalização da violência) levanta a questão de como atos violentos ou comportamentos agressivos se tornam aceitos e sendo uma parte normal da sociedade. O internauta 1 relata uma experiência em que a autora, de Sergipe, foi testemunha de estereótipo, em que o termo “coisa de baiano” foi usado pejorativamente, seguido por um comentário “sem ofensa”. O uso dessa expressão de forma pejorativa demonstra o preconceito, e o fato de alguém dizer “sem ofensa” não justifica a linguagem preconceituosa, o uso dessa expressão indica que as pessoas frequentemente usam linguagem discriminatória, mas tentam se isentar da responsabilidade ao dizer que

não estão sendo ofensivas. Isso reflete a necessidade de conscientização sobre o impacto de tais comentários.

O uso da expressão “coisa de baiano” de acordo com o comentário da internauta 2, reflete uma posição de mudança de perspectiva em relação ao uso dessa expressão. Ela reconhece que, até cerca de um ano atrás, costumava usar a expressão sem perceber que era errado, essa conscientização é um passo positivo em direção a superação de estereótipos e preconceitos. O comentário expressa arrependimento e reconhecimento de que o uso era equivocado. Isso indica uma disposição para aprender e crescer, abandonando comportamentos preconceituosos.

Também é destacado pelo internauta 2, que em sua região a expressão “coisa de baiano” era usada como gíria sem que as pessoas se importassem com seu aspecto pejorativo. Assim como os internautas 3, 4, 5 e 6 cometam que essa expressão é usada como gíria em determinados lugares, inclusive até mesmo os baianos podem usar o termo de maneira pejorativa. Isso indica que os estereótipos regionais podem ser tão profundamente enraizados na cultura que as próprias pessoas afetadas por ele os reproduzem. Isso reflete dinâmicas culturais locais complexas, onde a aceitação de estereótipos se tornou comum, a mudança de mentalidade nesse contexto pode ser especialmente difícil.

A autora da postagem que gerou todos esses comentários ao utilizar uma forma inapropriada de abordar o fato, acabou fazendo com que outros internautas, tivesse a mesma agressividade usada por ela na postagem, como no caso dos internautas 7, 8 e 11 dessa categoria, seus comentários expressam tanto ódio como racismo em relação aos baianos, desejando a explosão do estado com uma referência racista e violenta contra as pessoas negras. Esses comentários são um claro exemplo de discursos de ódio, que promove a discriminação e a violência com base na origem e na raça. Com isso, é importante que a sociedade rejeite e denuncie esse tipo de discurso para não se tornar “normal” dentro do país.

Os internautas 9 e 10 citam que os baianos não deveriam se importar e ficar calados com o que é dito sobre eles, isso reflete uma falta de empatia e compreensão em relação às preocupações e sentimentos dos outros. Falar sobre essas questões é um passo fundamental para a conscientização e a mudança, quando as pessoas se expressam e destacam o problema, podem contribuir para a promoção da igualdade, da empatia e do respeito entre as diferentes culturas e regiões.

Por fim, o comentário da internauta 12 mostra que a pessoa está fazendo uma

autoavaliação em relação a seus sentimentos e atitudes. Ela afirma que não pode ser xenofóbica devido o amor que sente por uma pessoa nordestina. Isso demonstra uma consciência da xenofobia como um problema e a vontade de se distanciar desse preconceito. Assim como traz uma percepção de desconhecimento e uma abordagem ingênua em relação a um problema sério, como a xenofobia. Pode ser que essa pessoa ainda não tenha se autoanalisado em relação a suas próprias atitudes e preconceitos, o que é comum, pois muitas vezes as pessoas não percebem suas próprias tendências preconceituosas.

QUADRO 5 - INTERNALIZAÇÃO DA XENOFOBIA

Internauta	Comentário
1	meu pai quando não gostava do perfume que eu usava falava que era 'perfume de baianinha', dizia que se beijar na rua era 'coisa de baiano' e o pai dele é nordestino! nunca entendi isso
2	Não mano, eu sou baiano e to cagando, esses caras do mimimi nao me representam nem a pau
3	sou nordestino e uso o termo baiano em tom pejorativo. não é só fora do nordeste que usa esse termo não viu fia

Nessa categoria destaca-se como uma pessoa aceita e adota atitudes preconceituosas em relação a pessoas de outras origens. O internauta 1 destaca que o seu pai fazia comentários preconceituosos relacionados a estereótipos regionais, como chamar o perfume de “perfume de baianinha” e rotular demonstrações de afeto em público como “coisa de baiano”, mesmo que o pai do próprio autor do comentário seja nordestino. Isso leva a uma contradição curiosa em que o pai da pessoa, apesar de ser nordestino, fazia comentários preconceituosos em relação a sua própria origem regional. Isso levanta questões sobre como as atitudes e preconceitos podem ser influenciados pelo ambiente social e cultural. O internauta comenta não entender a origem desses comentários, o que sugere que, em muitos casos, esses estereótipos são perpetuados sem uma compreensão profunda de suas origens.

Já o internauta 2 expressa uma atitude de indiferença em relação a críticas e discussões consideradas excessivas, e enfatiza que não se sente representada por aqueles que considera do “mimimi”, que é um termo frequentemente usado para desqualificar

ou menosprezar discussões sobre questões sociais, como a xenofobia. Embora a pessoa tenha o direito de expressar sua opinião, é importante lembrar que questões sociais, como xenofobia e discriminação, afetam diversas pessoas. E o simples fato de falar sobre o preconceito sofrido é de suma importância para que medidas sejam tomadas.

Por fim, o internauta 3 dessa categoria comenta, que é nordestino, mas usa o termo “baiano” em tom pejorativo, sendo assim, mostrando o que foi visto na categoria passada, que mesmo sendo da região onde os discursos preconceituosos são direcionados. As pessoas em meio a esse ambiente de preconceito podem achar aquilo uma coisa normal e adotar estereótipos negativos sobre sua própria região.

QUADRO 6 - XENOFOBIA COMO DIVERTIMENTO

Internauta	Comentário
1	Ksksksks aah mas a estética de baiano não da man , a maioria das vezes , quase sempre é muito zuado Ksksks
2	meu amg morou ai em 2016 e na escola chamavam ele de Paraíba msm ele deixando claro q n gostava
3	Minha filha mesmo nasceu no Maranhão e todo mundo zoa ela de paraíba, mas ensinei ela a responder que não é paraíba é maranhense tadinha, ela já me perguntou pq chamam ela de paraíba
4	da última vez que eu corrigi fui chamada de chata que não entende uma brincadeira... o bullying que eu sofri no fundamental e que me fez CHORAR também era só brincadeira ne
5	Usamos isso como um meme e não para ofender os baianos. Se for assim, ateu não pode dizer "Meu Deus", "Nossa senhora" e afins... Dizer "baiano" pra algo brega virou ditado popular aqui. Até meus avós que são baianos dizem isso
6	É meme, em São Paulo é quase mais fácil tu encontrar um nordestino do que um paulista, além disso é o sangue que corre nas veias da maioria aqui também. Não é necessariamente relacionado a algo ruim e sim a algo chamativo/brega, mas ainda assim é escroto e parei de reproduzir

Essa categoria traz a xenofobia como divertimento, justamente, como muitos tratam essa forma de preconceito, como entretenimento e diversão. Assim como é destacado pelo internauta 1 que generaliza a estética dos baianos, sugerindo que é uniformemente “zuada”. Ao mencionar a estética das pessoas baianas, o que pode incluir aspectos como roupas, estilo de vida ou características físicas. Ao usar o repetido “ksksks” indica um tom de riso e de humor, sugerindo que o comentário não é feito com malícia, mas como uma brincadeira. É um comentário, assim como diversos outros, que não fornece contexto ou evidências que justifiquem a afirmação de que a estética dos baianos é frequentemente “zuada”. Portanto, carece de fundamentação sólida. Esse comentário trata a estética dos baianos como engraçada, sem levar em conta a diversidade de estilos e gostos pessoais.

Já os internautas 2 e 3, descrevem situações relacionadas ao uso da expressão “Paraíba” para se referir as pessoas. O internauta 2 cita uma situação na qual um amigo que esteve em São Paulo em 2016 foi chamado de “Paraíba” na escola, apesar dele ter expressado seu desagrado com esse apelido. Já o internauta 3 fala sobre a filha que é do Maranhão, porém, as pessoas a chamam de “Paraíba”. Como já vimos anteriormente o uso do apelido “Paraíba” é muitas das vezes utilizado como um apelido pejorativo para pessoas que vem da Paraíba ou até mesmo que são de outros estados do Nordeste. Apelidos muitas das vezes são criados por outras pessoas, e as vezes eles podem ser usados de maneira amigável e carinhosa. No entanto, é importante lembrar que nem todos os apelidos são bem recebidos, e é fundamental respeitar a vontade das pessoas em relação a como desejam ser chamadas.

A sociedade muitas das vezes não reconhece a gravidade do impacto emocional que ações aparentemente inofensivas, como brincadeiras, podem ter sobre indivíduos. Assim como destacado pela internauta 4, ao ser chamada de chata por ter corrigido alguém por usar uma expressão preconceituosa. A pessoa faz uma conexão com o bullying que sofreu na escola, sugerindo que essas experiências negativas, como o bullying, são muitas vezes minimizadas como “brincadeira” por outras pessoas. Essa atitude de tentar corrigir o ato de preconceito por parte da internauta é muito importante e necessário, pois o preconceito pode causar danos significativos às pessoas. No entanto, é importante abordar o assunto de maneira construtiva e respeitosa, para que a pessoa que cometeu o ato preconceituoso tenha a oportunidade de refletir e, possivelmente, mudar seu comportamento.

Os internautas 5 e 6 descrevem situações no qual utiliza o termo “meme”. No

primeiro o internauta tenta justificar o uso da palavra “baiano” como uma expressão para algo “brega”, afirmando que é apenas um meme e que não tem a intenção de ofender os baianos. No entanto, mesmo quando usadas em forma de meme, expressões desse tipo podem perpetuar estereótipos negativos e preconceitos. A intenção do usuário pode não ser prejudicial, mas é essencial reconhecer que tais expressões podem ser ofensivas para outros. No segundo comentário, o internauta também tenta justificar o uso da expressão relacionada a nordestinos como um meme, destacando que é mais sobre algo “chamativo/brega” do que algo negativo. No entanto, o comentário reconhece que o uso dessas expressões pode ser considerado “escroto”. Ambos os comentários apontam para a importância de considerar como nossas palavras e ações podem afetar os outros, mesmo que a intenção não seja ofender.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se volta para o estudo do comportamento humano em uma rede social, o *Twitter*, por ser um espaço no qual os sujeitos interagem intensamente, expressando opiniões “livremente” através de mensagens, imagens e vídeos.

A xenofobia que se apresenta como um preconceito que pode ocorrer tanto com haitianos presentes no nosso país, como também contra os nordestinos. Estereótipos e preconceitos que foram construídos relacionados tanto pelas características do corpo do nordestino, como também, pelo simples fato desse povo ser da região Nordeste. Com isso, as redes sociais, como o *twitter* que foi discutido nessa pesquisa, serve como um meio para disseminar discursos de ódios.

No *Twitter*, os comentários negativos e as manifestações de preconceito é frequente, como foi destacado por Costa (2021), que entre as redes sociais com o maior número de discursos de ódios o *Twitter* é uma das que lideram o ranking. Em 2022, na última eleição para Presidente, segundo a Safernet, teve um aumento significativo desses atos, onde o Nordeste foi atacado por diversas pessoas de outros estados, pessoas essas que se escondem atrás de uma tela com o objetivo de espalhar ódio.

Desenvolver a pesquisa através, principalmente, dos comentários do *Twitter* se deu por dois fatores, uma rede social utilizada por milhões de pessoas, e pelo número de comentários xenofóbicos serem especialmente nessa rede. É perceptível por meio dos comentários coletados e categorizados deste trabalho que a xenofobia contra o corpo-território nordestino se encontra presente na sociedade, e muitas vezes se disfarça por meio de piadas, tornando-o sutil e socialmente aceitável.

O corpo humano, assim como o recorte espacial habitado por determinado grupo social, se trata de um grande território e nele se expressa culturas, tradições, refletindo as identidades e histórias individuais e coletivas. Mas nem sempre é bem recebida devido a preconceitos, estereótipos e xenofobia. Conhecer algumas causas que levam o corpo-território nordestino a ser alvo desses ataques se mostrou extremamente relevante para entender que o respeito com as diferenças, apesar de ser muito falado, não é muito valorizado.

Por isso, a liberdade de expressão deve ser analisada de forma que todos entendam os seus limites, pois uma liberdade que fere não é um direito, é uma violência a democracia. Dito isto, podemos verificar que as redes sociais, em especial a abordada nessa pesquisa, apesar de algumas restrições terem sido implantadas, deve

ter um controle maior quanto as suas postagens e uma revisão de suas diretrizes para que não aceitem a propagação desses conteúdos.

O Twitter que tem a missão de oferecer a todos a possibilidade de criar e compartilhar ideias e informações, além de expressar suas opiniões e crenças sem nenhum obstáculo, então esclarecer de todas as formas possíveis que não é permitido promover violência, atacar ou ameaçar outras pessoas com base em raça, etnia, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, religião, idade ou deficiência, é de suma importância.

Através dos objetivos que foram definidos para essa pesquisa foi possível compreender que o preconceito se encontra em todo lugar, em casa, na rua, escola. Muitas vezes, usado como uma forma de diversão, outras com o intuito real de machucar outra pessoa, as vezes o preconceito contra pessoas de outras regiões, culturas ou tradições, pode ser sutil ou disfarçado, daí a importância de discutir temas como esse, para conscientizar, educar sobre a diversidade, combater a discriminação, mudar mentalidades e construir comunidades inclusivas.

Com essa pesquisa compreendemos alguns fatores que fazem com que o corpo-território nordestino seja alvo de xenofobia, no qual muitas das vezes é impulsionada por preconceitos econômicos, culturais e regionais. A diversidade cultural, desigualdades sociais, falta de educação e influências das mídias contribuem para a criação de estereótipos e preconceitos contra essa região.

Para tanto, percebe-se que isso não é um problema que começou agora, esse problema social tem estado presente desde os tempos antigos e baseia-se em diversos fatores, como: culturais, históricos e religiosos (Costa, 2021) mesmo com sua riquíssima história e importância para o Brasil, o Nordeste tem sido alvo de discursos de ódio, que volta e meia se sobrepõem a toda sua riqueza ambiental e cultural.

Nesse contexto, repudiar práticas de preconceitos é de extrema importância, ensinar sobre respeito à diferença, principalmente, no ambiente escolar, são práticas pertinentes que favorecem o bem estar social de todos os indivíduos. Espera-se que as reflexões quanto a xenofobia nas redes sociais, sejam aprofundadas no âmbito acadêmico, social e jurídico.

Fica evidente que esse é um desafio a ser enfrentado e combatido pelo Brasil, onde a educação é uma das grandes ferramentas contra a xenofobia, no qual os jovens possam ver desde cedo toda a diversidade cultural no nosso país que é representada por inúmeras tradições, religiões, crenças e costumes dos diferentes grupos de indivíduos

das regiões brasileiras.

É importante conversar sobre assuntos, como o preconceito, em locais propícios para a construção de conhecimento, como na escola, porque assim é possível desconstruir conceitos que muitas vezes são instituídos desde a infância nas pessoas, por causa de equívocos passados de geração em geração. Além disso, que os órgãos responsáveis criem leis mais rígidas para punir os que praticam xenofobia ou qualquer outra forma de preconceito.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 5 ed. São Paulo: cortez, 2011.
- ALVES, Cláudio Diniz. Informação na Twitosfera. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da informação. v. 9.n.1, Campinas, 2011.
- BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. “Tem bastante ponte, viaduto e prédios altos pra curar a doença deles”: Um estudo dos discursos de internautas sobre os suicídios de pessoas não heterossexuais em uma rede social. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. Lua Nova, São Paulo, 2007.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, 2020.
- BRASIL. Lei Federal 7.716/89, alterada pela Lei Federal 9.459/97. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.459%2C%20DE%2013,7%20de%20dezembro%20de%201940. Acesso em: 01 out. 2023.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 4,ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- COSTA, Kevin Keslley. Liberdade de expressão e discurso de ódio nas mídias sociais. Revista eletrônica do Ministério Público do Estado do Piauí. Ed. 1, 2021.
- ESTEVES, Thiago de Jesus. Preconceito, discriminação e xenofobia contra nordestinos/as: elementos introdutórios para um debate em período eleitoral. Blog Café com Sociologia, out. 2022. Disponível em: https://cafecomsociologia.com/wp-content/uploads/2022/10/2022_Texto_Cafe%CC%81_com_Sociologia.pdf. Acesso em: 01 ago. 2023.
- FAUSTO, Boris. História do Brasil: História do Brasil sobre um período de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias. Edusp. 1996
- GAGO, Verónica. A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- GARZA, Cecilia De La. Xenofobia. OpenEdition. volume 7 N°2. 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/7924>. Acesso em: 24 set. 2023.
- GASPAR, Lúcia. O Nordeste do Brasil. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2011.

GOMES, Sueli de Castro. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: O comércio de retalhos. *Imaginário*, v. 12, n. 13. São Paulo, 2006.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (Da Terra): contribuições decoloniais. *Universidade Federal Fluminense ISSN 15177793 (eletrônico) Geographia*, Niterói. Vol. 22, n.48, 2020.

HINE, C. *Etnografia Virtual*. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Editorial UOC: Aragón – Barcelona, 2004.

KAMBEBA, Márcia. CORPO TERRITÓRIO. *Recanto das letras*. Janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/7023473>. Acesso em: 24 set. 2023.

MARQUES, Christinne Nascimento. *Fronteira Étnica: Tabajara e Comunidades Negras no Processo de Territorialização do Litoral Sul Paraibano*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência* /Salvador : EDUFBA, 2020.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Valéria Bueno de Castro. *Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas: a história como propositura de vivência intercultural*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

RECUERO, Raquel. ZAGO, Gabriela. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *Libero*. V. 12, n. 24, São Paulo, 2009.

Safernet (Safer Internet Center do Brasil). *Safernet: denúncias de xenofobia na internet explodem após 1º turno das eleições*. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/safernet-denuncias-de-xenofobia-na-internet-explodem-apos-1o-turno-das-eleicoes>. Acesso em: 20 set. 2023.

SANTOS, Milton et al. *Território e territórios: ensaios sobre o ensinamento territorial*. 3. Ed. Janeiro: Lamparina, 2007.

SOUSA, Raquel; SANTOS, Patricia; FERREIRA, Joana. *O Nordeste além da Seca: Uma Perspectiva Escolar*. VII Encontro de Iniciação a Docência da UEPB, 2019.

SOUSA, Jacimone Delfino et al. *O desenvolvimento da região nordeste: uma abordagem econômica e ambiental*. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental*, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em:

<https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBGA/article/view/4748>. Acesso em: 01 set. 2023.

SOUZA, Poema Isis Andrade de. Setor de turismo, desenvolvimento econômico e desigualdade de renda: um estudo para a região Nordeste do Brasil a partir da matriz insumo-produto inter-regional. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

VIEIRA, Patrícia Solange Tavares. Xenofobia no Brasil: revisão de literatura e relato de experiência. 2022. 47 f. Monografia (Graduação em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.